

# CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA  
PÚBLICA  
DO PARANÁ

57

ABRIL 2016  
[www.candido.bpp.pr.gov.br](http://www.candido.bpp.pr.gov.br)

Pedro Franz



## Meu tempo é hoje

Com uma produção intensa, que vai do conto ao teatro, Caio Fernando Abreu continua lido e discutido 20 anos após sua morte



## EDITORIAL

Este ano a Balada Literária, evento que movimenta a agenda cultural de São Paulo no segundo semestre, vai homenagear Caio Fernando Abreu (1948-1996). A escolha de Marcelino Freire, escritor, idealizador e organizador da Balada, deve chamar a atenção do público, e da imprensa, para o legado do escritor gaúcho, morto há 20 anos, cada vez mais lido, discutido e, sem exagero, badalado.

O poeta, crítico e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Italo Moriconi afirma que Daniel Galera, no romance *Barba enso-ada de sangue*, dialoga — obliquamente — com um imaginário-Garopaba inaugurado, entre outros, por Caio Fernando Abreu. Além de Galera, jovem escritor reconhecido pela crítica, jovens

leitores dão likes e compartilham frases de Caio nas redes sociais.

Caio F., como ele costuma assinar cartas e bilhetes, escreveu e publicou muito. Romances, textos para teatro, novelas, crônicas e, principalmente, contos. “Os assuntos são sempre os afetos. Mais que propriamente as paixões, são os afetos”, diz Moriconi.

Além de Moriconi, a reportagem do **Cândido** entrevistou outros estudiosos. Thais Torres de Souza diz que um dos temas centrais da obra escritor é o erotismo. A partir do pressuposto, ela elaborou a tese de doutorado *Uma vaga promessa: aspectos do erotismo em contos de Caio Fernando Abreu*, defendida em 2014 na Universidade de São Paulo (USP).

Já Nelson Luís Barbosa, autor da

primeira tese de doutorado defendida na USP, em 2008, estudou a presença do autor em sua própria ficção, entendendo-a como uma construção autoficcional, uma forma de escrita que supera qualquer abordagem autobiográfica no sentido de que o autor não pretende, com a obra, contar fatos de sua vida pessoal a partir de um suposto “pacto de verdade”. O estudo acadêmico, *Infinidamente pessoal: a autoficção de Caio Fernando Abreu, o biógrafo da emoção*, será publicado em forma de livro ainda no primeiro semestre de 2016.

A professora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Tânia Pellegrini explica que Caio dialogou literariamente com 2 renomados autores brasileiros. “O mais claro diálogo [de Caio] acontece com Clarice Lispector, de quem herda o mergulho nas profundezas da subjetividade”, afirma, acrescentando que outra interlocução do escritor se dá com Graciliano Ramos e a sua metódica metodologia construtiva.

Ivan Pinheiro Machado, editor da L&PM, conta de que maneira conheceu o escritor e também faz uma análise da literatura de Caio: “Sua obra se caracterizava por um extremo apuro formal e temática cosmopolita, na medida em que ele foi um escritor urbano, o que não era comum na época no Brasil. Caio estava mais para o *rock and roll* enquanto a maioria dos autores buscava a tal ‘brasilidade’ no romance histórico ou no romance regionalista.”

O especial ainda traz uma leitura de *Para sempre teu, Caio F.*, obra em que a jornalista Paula Dip apresenta a trajetória do escritor, principalmente a partir do momento em que eles se conheceram, no fim dos anos 1970 em São Paulo — além da indicação de 6 dos mais importantes livros de Caio.

Boa leitura!

### EXPEDIENTE

## CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa  
Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani  
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira  
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

#### Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski

#### Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

#### Estagiários:

Kaype Abreu e Lucas de Lavor

#### Coordenação de Desenho Gráfico | CGG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Bianca Franco, Marluce Reque e Raquel Dzierva | diagramação

#### Colaboradores desta edição:

Alberto Mussa, André Coelho, Bianca Franco, Celeste Ribeiro, Luís Henrique Pellanda, Marcelo-Brum Lemos, Marluce Reque, Pedro Franz, Robson Vilalba e Tita Blister.

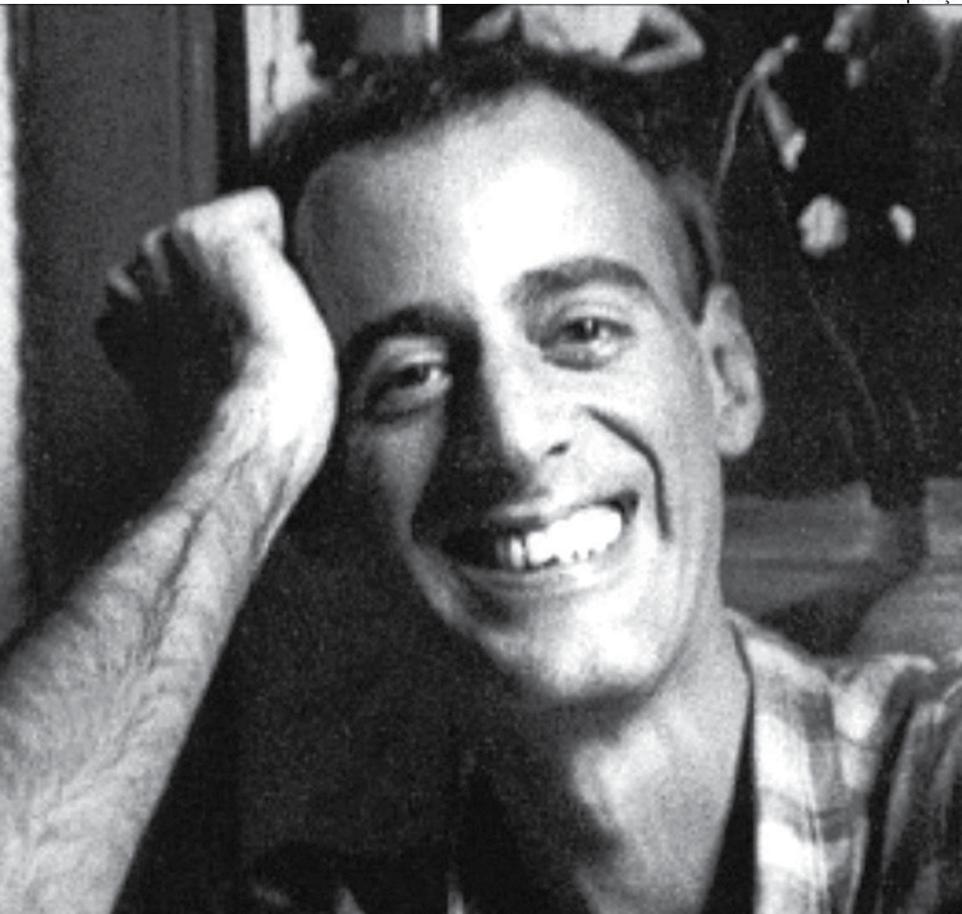
#### Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ  
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.  
Horário de funcionamento:  
Segunda à sexta, das 8h30 às 20h.  
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

Reprodução



## CURTAS DA BPP

## O cinema de Lelio

Fernanda Rodrigues



O crítico paranaense Lelio Sotomaior Junior vai lançar no dia 7 de abril, na Biblioteca Pública do Paraná, às 18h, o livro *Cinematographo*, que traz textos sobre o legado de cineastas que, de acordo com Sotomaior, fizeram um “cinema de classe”, entre eles Glauber Rocha, Orson Welles, François Truffaut, Federico Fellini e Arthur Penn. A obra custa R\$20 (vinte reais). A entrada é franca. Sotomaior é um dos nomes mais expressivos da crítica de cinema no Paraná. Ele começou a publicar textos sobre filmes em jornais no fim de 1963 e, desde então, colaborou com *O Estado do Paraná*, *Diário do Paraná*, *Revista da Cinemateca*, *Correio de Notícias*, *Folha do Paraná* e *Jornal do Estado* e também com a revista norte-americana *Florida Review Magazine*.

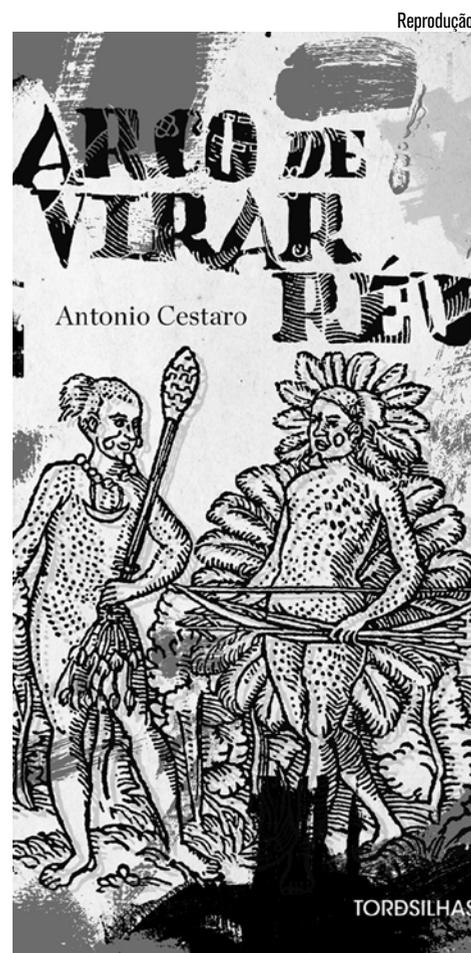
## Mostra fotográfica

A partir de 12 de abril, a Biblioteca Pública do Paraná abre a mostra *Memórias do Quintal*, do fotógrafo curitibano Guilherme Pupo. A exposição nasceu a partir do projeto de mesmo nome que visa resgatar expressões lúdicas tradicionais dos bairros. O que possibilitou a Pupo uma imersão em espaços sociais como praças, áreas públicas de lazer, ruas, terrenos e quintais dos bairros Tatuquara, Campo de Santana e Caximba, localidades do extremo sul de Curitiba. O projeto da exposição foi realizado pela instituição Malasartes, que promove ações de incentivo à leitura, e teve o apoio do Programa de Apoio e Incentivo à Cultura da Fundação Cultural de Curitiba (FCC). A mostra segue até 20 de maio.

## Cândido no Facebook



O **Cândido** agora tem uma página própria no Facebook. A proposta desse novo espaço é divulgar as edições e resgatar todo o acervo do jornal mensal da Biblioteca Pública do Paraná, que já tem mais de 50 números lançados e completa cinco anos de circulação em agosto. Acesse, curta e compartilhe. [www.facebook.com/jornalcandido](http://www.facebook.com/jornalcandido)



## O arco de Cestaro

O escritor Antonio Cestaro acaba de lançar o livro *Arco de virar réu*, que marca sua estreia no romance. Nascido em Maringá (PR), Cestaro é editor e fundador do selo Tordesilhas, dedicado a obras literárias. Em 2012 lançou seu primeiro livro, a coletânea de crônicas *Uma porta para um quarto escuro*, que ganhou o prêmio Jabuti na categoria Projeto Gráfico. *Arco de virar réu* narra a história de um homem que tem a infância e a juventude marcadas pela esquizofrenia do irmão mais novo. Em uma narrativa labiríntica e fragmentada, o narrador-protagonista discorre sobre a natureza física e psicológica do tempo, sobre como a vida foge ao nosso controle e sobre a desagregação familiar provocada pela doença.



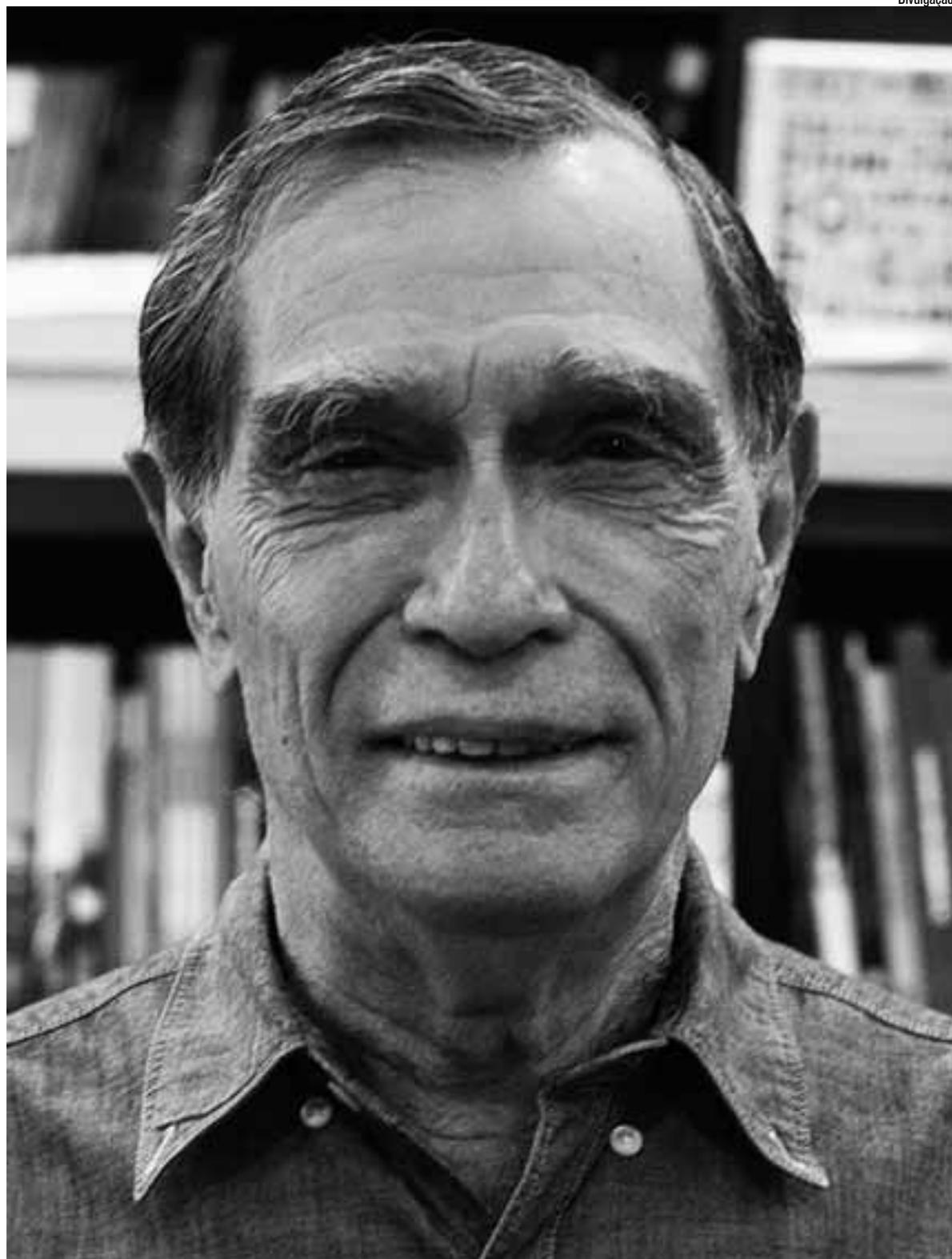
## Coisas de adornar paredes

*Coisas de adornar paredes* é novo livro do quadrinista José Aguiar. A HQ narra a busca de um aspirante a escritor na tentativa da publicação de seu livro. Curitiba, cidade natal do autor, é também inspiração, mas é retratada com um olhar que passa longe dos cartões postais da capital paranaense. Elementos banais, às vezes quase invisíveis, como fachadas, quadros, e até rachaduras, são o ponto de partida para narrativas que falam sobre pessoas comuns que compõem a metrópole. José Aguiar é autor de trabalhos como a *webcomic A infância do Brasil* ([www.ainfanciadobrasil.com.br](http://www.ainfanciadobrasil.com.br)) e das tiras *Folheteen* e *Nada com coisa alguma*.

# O filho do amálgama

Aos 75 anos, o multiartista fala sobre inspirações, literatura brasileira, crise, nazismo e, é claro, seu assunto preferido: a riqueza cultural do Brasil

OMAR GODDY



Divulgação

**P**ara marcar os 75 anos de Jorge Mautner, completados em janeiro, a editora Companhia das Letras lançou uma compilação que vai fundo na produção escrita do tropicalista. Com cerca de 400 páginas, *Kaos total* reúne, entre material conhecido e inédito, todas as suas letras de música e mais uma variedade de poemas, manifestos, trechos de prosa poética, etc. Há ainda uma seleção de pinturas do artista, nunca publicadas em livro.

A reportagem do **Cândido** aproveitou o lançamento para conversar com o artista sobre o novo volume e sua relação com a literatura. Mas, em se tratando do autor de “Maracatu Atômico”, qualquer bate-papo é um “revirão” — termo criado pelo psicanalista MD Magno que significa “uma escolha a cada segundo” e deu título ao seu álbum de 2006.

Ou seja: quando menos se espera, Mautner salta de um assunto para o outro, citando toneladas de referências filosóficas, históricas e científicas. O resultado, como se pode ler, é sempre a confirmação de sua visão de mundo ampla e da crença na riqueza (ou “amálgama”, como ele prefere dizer) cultural do Brasil.

**Os organizadores de *Kaos total* são também os responsáveis pelo conteúdo do seu site/portal oficial, *Panfletos da nova era* — que traz, além da sua história, muitas dicas de livros de outros autores. Fale um pouco sobre essas indicações.**

Em todos os meus livros, desde *o Deus da chuva e da morte* (1962), eu sempre indico as minhas inspirações e os grandes autores da filosofia, da literatura e de letras de música também. Isso é um hábito contínuo que tenho. Não basta escrever, nem colocar a mensagem nas minhas letras, porque muita gente não lê. Então, mesmo como artista, músico, intérprete ou palestrante, eu desenvolvi esse hábito de indicar. É uma trilha constante de pensadores, desde os pré-socráticos. E é o tempo todo isso. É o caos.

**Hoje o artista também é, de certa forma, um editor. Principalmente nas redes sociais, onde ele apresenta o seu trabalho e de outros artistas, numa espécie de curadoria. Você já fazia isso nos anos 1950, 1960...**

Já em 1956, né? Foi nesse ano que comecei a escrever *o Deus da chuva e da morte* e, ao mesmo tempo, idealizar o Partido do Kaos. [Mautner costuma afirmar que o grupo chegou a ter 3 mil membros em 1962, quando encerrou suas atividades. Em seguida, o artista se filiou ao Partido Comunista] Porque sempre achei que a prática deveria acompanhar a palavra escrita. E

o Kaos tinha dois objetivos principais: impedir um novo holocausto e irradiar a imensa grandeza e profundidade da cultura brasileira. Em 1823, José Bonifácio [poeta, estadista e “Patriarca da Independência”] nos definiu dizendo: “Diferentemente dos outros povos e culturas, nós somos o amálgama, esse amálgama tão difícil de ser feito”. E tudo aqui é amálgama mesmo, essa é uma das nossas riquezas.

**Um dos temas do momento, em âmbito mundial, são os movimentos migratórios. Como os novos imigrantes que estão chegando ao Brasil nos últimos anos vão participar desse “amálgama”?**

Eles de imediato são abraçados. Só para falar, por exemplo, de Curitiba e do Paraná: Paulo Leminski era produto de misturas, de miscigenação. Isso é o ineditismo do Brasil, o tempo todo. Eu fui exilado e passei cinco anos nos Estados Unidos, como funcionário das Nações Unidas. Também fui secretário literário do [poeta] Robert Lowell. Ele só queria ler sobre “os mistérios do Brasil”. Lia Gilberto Freyre, Câmara Cascudo. Outro amigo meu, o Paul Goodman [sociólogo, escritor e militante anarquista] sempre me perguntava: “O que você está fazendo no Village [o “bairro dos artistas” em Nova York, local do surgimento de vários movimentos culturais importantes]? Você não sabe que o único e verdadeiro Village, desde o início dos tempos, é o Brasil?”.

**Em 2006, você publicou *O filho do Holocausto*, livro que reúne suas memórias desde a infância até 1958 [e mais tarde deu origem a um filme, dirigido por Pedro Bial e Heitor D'Alincourt]. Pensa em lançar outro volume semelhante, cobrindo um período diferente da sua trajetória?**

Sim, e provavelmente vai sair no final deste ano. O título é uma frase do [filósofo português] Agostinho da Silva, *Não há abismo em que o Brasil caiba*. E o subtítulo é *O domínio do fato*. Ali eu conto histórias incríveis de toda a minha participação como ativista. Será o primeiro de uma série de dez volumes de memórias literalizadas, que também misturam História do Brasil, História do mundo e literatura. Isso sempre transparece em todos os meus cadernos.

**A literatura brasileira, na sua opinião, dá conta de um país do tamanho do Brasil, com essa riqueza, esse amálgama de que você tanto fala?**

Dá. Você tem Machado de Assis, Cruz e Souza, José de Alencar, Padre Antônio Vieira, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre... Tudo isso é amálgama. O Stephen Zweig [escritor austríaco que se exilou na cidade fluminense de Petrópolis durante a Segunda Guerra Mundial, autor de *Brasil, país do futuro*], por exemplo, ficou abismado com o fato de que, numa época dominada pelo racismo, Carlos Gomes compôs *O Guarani*, uma obra em homenagem ao índio. E o Brasil é o tempo todo isso. Guimarães Rosa é amálgama, Oswald de Andrade é amálgama, Mário de Andrade é amálgama...

**Você guarda todos os livros que lê, tem um grande biblioteca em casa?**

Eu já tinha 10 mil livros aos 14 anos, pois meu pai sempre me incentivou a ler. Foram tantos livros lidos que eu não teria onde guardar, fui dando tudo. Conheço a literatura de cada país. Leio em alemão, leio em francês... Mas leio novidades também. Recomendo, por exemplo, *A nova biografia do Brasil*, que saiu pela Companhia das Letras [das autoras Lilia Moritz Schwarcz e Heloisa Murgel Starling]. Ali elas dizem que o Brasil de fato já era conhecido em 1008, 500 anos antes do descobrimento. Também comentam que os índios eram nus, atléticos, perfumados... Mas o que mais causava estranheza é que eles faziam guerra não para conquistar território, e sim apenas por vingança pessoal. Aí você tem outros livros, como os do Domenico De Masi. O último dele, *O futuro chegou*, tem 500 páginas. Começa lá nos sumérios e acádios, segue por todas as culturas e nas últimas 100 páginas afirma que a única civilização que poderá dar continuidade à vida no planeta é o Brasil, por tudo isso que estou dizendo. Por esse amálgama, esse tropicalismo, essas características que são totalmente inéditas e originais de um país que é um continente.

**A palavra do momento no país é "crise". Como você vê este momento, do ponto de vista simbólico?**

A crise é necessaríssima. Acho que a Lava Jato deveria ser uma instituição permanente e perpétua do Estado brasileiro. A crise é ótima porque abre novas perspectivas e nos obriga a pensar





Jorge Mautner e Nelson Jacobina mantiveram uma parceria musical de 40 anos, só interrompida em 2012, quando o músico faleceu.

## ENTREVISTA | JORGE MAUTNER



em soluções. Porque o mundo não bebe água, não respira e não come sem o Brasil. Nós temos, por exemplo, 95% do nióbio mundial. Sem esse minério, o nióbio, não existe satélite, foguete, viagem à Lua, celular... Se o país tivesse estrada de ferro, o preço das mercadorias baixaria 70%. Se usássemos todo o potencial dos rios navegáveis, baixaria 85%. A nossa agroindústria pode alimentar a China inteira. A Europa toda cabe no Estado do Pará, meu amigo. A riqueza do Brasil é imensa. Essa crise só é compreensível por causa do nosso surrealismo, que é essa diferença entre a realidade do Brasil e o que se descreve como sendo o Brasil. Não leram Gilberto Freyre, Câmara Cascudo, Padre Antônio Vieira... Mas lá fora eles leram e sabem de tudo. Aqui, só algumas pessoas sabem.

**Então você é totalmente otimista?**

Sim, a crise é real, seríssima, mas tem solução e vai ser resolvida. O que levava dez anos para acontecer, agora

acontece em dez segundos por causa do nosso nióbio, que possibilitou a internet e o celular. O povo brasileiro foi proibido de ler e escrever, mas agora ele sabe tudo pelo celular. Já sabia, mas agora sabe mais ainda.

#### **As coisas estão às claras...**

Totalmente. Eu vou até citar o [Martin] Heidegger, um filósofo nazista — porque o nazismo é profundo, o mal é profundo. Ele disse, em 1953: “Através da cibernética, viveremos num planeta em que todos serão controlados e controladores”. Isso está se formando agora. Só espero que esses controlados e controladores não se tornem todos descontrolados e descontroladores, como dizia o Nelson Jacobina [principal parceiro musical de Mautner, morto em 2012].

**Já que você falou em nazismo, o que achou do grupo de escritores brasileiros que publicou um manifesto de repúdio ao lançamento do livro *Minha luta*, de Hitler? Eles também propuseram que as livrarias se recusassem a vender o volume.**

Eu acompanhei. Acho que deve ser tudo transparente. Mas acontece que o Hitler não era bobinho nem nada. Bobos eram os que achavam que ele era bobo. Ele já era um artista pop, usando toda a força de Nietzsche, de Wagner. Ele sabia tudo. Mas o mal é profundo, e é sempre preciso tomar cuidado. Eu entendi que a indignação do grupo com o nazismo é tamanha, que eles acham que o

livro deve ser proibido. Porque o nazismo realmente pega. Como fogo na pólvora. Para mim, é uma indignação bonita, mas acho que não é suficiente. Porque hoje em dia está tudo aí, existe a simultaneidade, aquilo que eu falei de saber em dez segundos o que antes você levaria dez anos para saber. Aliás, é um livro chatíssimo. O que interessa mais era a propaganda que ele fazia. Porque o nazismo era entretenimento absoluto, dia e noite.

**Você citou o Nelson Jacobina. Como tem sido os últimos anos, sem a presença dele?**

Foram 40 anos de parceria intensa, absoluta. Não só fazendo show, não só fazendo palestra. Era o tempo todo lendo livro de História, o tempo todo conversando. Era uma troca permanente, total. Ele teve câncer, com uma metástase violenta de quatro anos. Quatro anos! Nem a pílula mais cara que a gente importava acabava com as dores. O Drauzio Varella disse: “Mas ele está morto, isso é um milagre”. São os neurônios. Oito anos atrás, descobriu-se que nossos neurônios são pura emoção. Deixa o romantismo no chinelo. Só quando ele tocava, ou ia ver a militância, é que paravam as dores. Em Jacaréi [SP], no último show, ele deu um bis de uma hora e meia porque não queria sair do palco. Quatro dias depois, faleceu. Mas eu sempre falo com o Nelson Jacobina. Drummond escreveu: “Sempre converso com o meu pai. Ele está morto, o que importa? Sempre falo com ele”. [ri] ■



# A TRILOGIA HOMÉERICA

**A**lenda das minas de prata, que alguns acreditam terem sido descobertas pelo Caramuru, apesar do extravio de um certo mapa traçado por seu neto, o Moribeca; a lenda das minas, que levou homens tão díspares entre si como o padre Aspilcueta Navarro e o tremendo Anhanguera a penetrarem no mais fundo dos sertões; a lenda, que manchou de sangue a história dos fidalgos da Casa da Torre — começou a tomar forma em 1532, quando Martim Afonso passou por São Vicente, durante a famosa expedição que pretendia assegurar a posse da terra aos reis de Portugal.

Foi ali, em São Vicente, que traíram o plano secreto de Martim Afonso: tomar aos espanhóis o controle do rio que os conduziria às montanhas do cobijado metal.

Martim Afonso ainda estava no porto, carregando a nau que iria naufragar, e — mais para dentro, subindo a serra, na povoação de casas de taipa e choças de palha fundada por João Ramalho — já fervilhava a fantasia de que aquelas mesmas minas podiam ser alcançadas numa entrada pelo mato, a pé.

Corria o ano de 1539 quando meia dúzia de colonos e mamelucos, seguidos por mais de cinquenta índios

(entre guaianás, guarulhos, tupiniquins e carijós), deixou a futura vila de Santo André da Borda do Campo, na febre das minas de prata.

## *a notícia*

Em 1547 havia em Santo André uma única mulher branca: Mécia Vieira, que sustentava, diante de todos, contra opiniões cada vez mais veementes, seu estado de mulher casada.

Os homens que lhe negavam tal condição não possuíam, em casa, mulher daquela cor. E pareciam não se contentar com as índias. Não fosse a autoridade de João Ramalho, quem asentara a povoação às próprias expensas, preferindo o apoio de Tibiriçá ao do rei dom João, não haveria homem capaz de defender a honra de Mécia Vieira.

— O que vale uma mandioca descascada como aquela? — indagava Ramalho, com a mão na espada.

Os homens de Santo André esperavam, como onças. Mas a tensão se agravou quando, ainda em 1547, um índio guarulho — ferido, cansado, faminto — emergiu do mato e se atirou no terreiro que servia de praça:

— As minas existem. Mas morreram todos.

E contou uma história terrível, de como a expedição de 39 tinha atingido uma imensa serra prateada, mas fora ferozmente combatida por um gentio desconhecido — que lutava apenas com lanças de pau muito rijas e agudas; e se alimentava de carne humana, crua e podre.

— É o povo que descende do urubu. Têm ódio dos que acendem fogo — explicou um guaianá.

O guarulho — em quem os homens de Santo André mal reconheceram Ipoijá — contou que a expedição resistira ainda alguns meses, mas fora finalmente desbaratada, quando ficaram encurralados à beira de um precipício, alvejados com extrema violência por aquelas varas letais, vindas de surpresa, de dentro da mata.

— Quem exatamente você viu morrer? Diga nomes — foi a pergunta ansiosa de Mécia Vieira.

Os homens de Santo André perceberam claramente aonde aquela única mulher branca — que sustentava ser casada — pretendia chegar. E ficaram excitadíssimos. Foi outra vez João Ramalho quem a protegeu. Mas não conseguiu impedir os sombrios rumores grassados após o relato de Ipoijá: Manuel Repincho estava morto. Logo, Mécia Vieira era viúva, como há muito desejavam e queriam demonstrar.

*o evento*

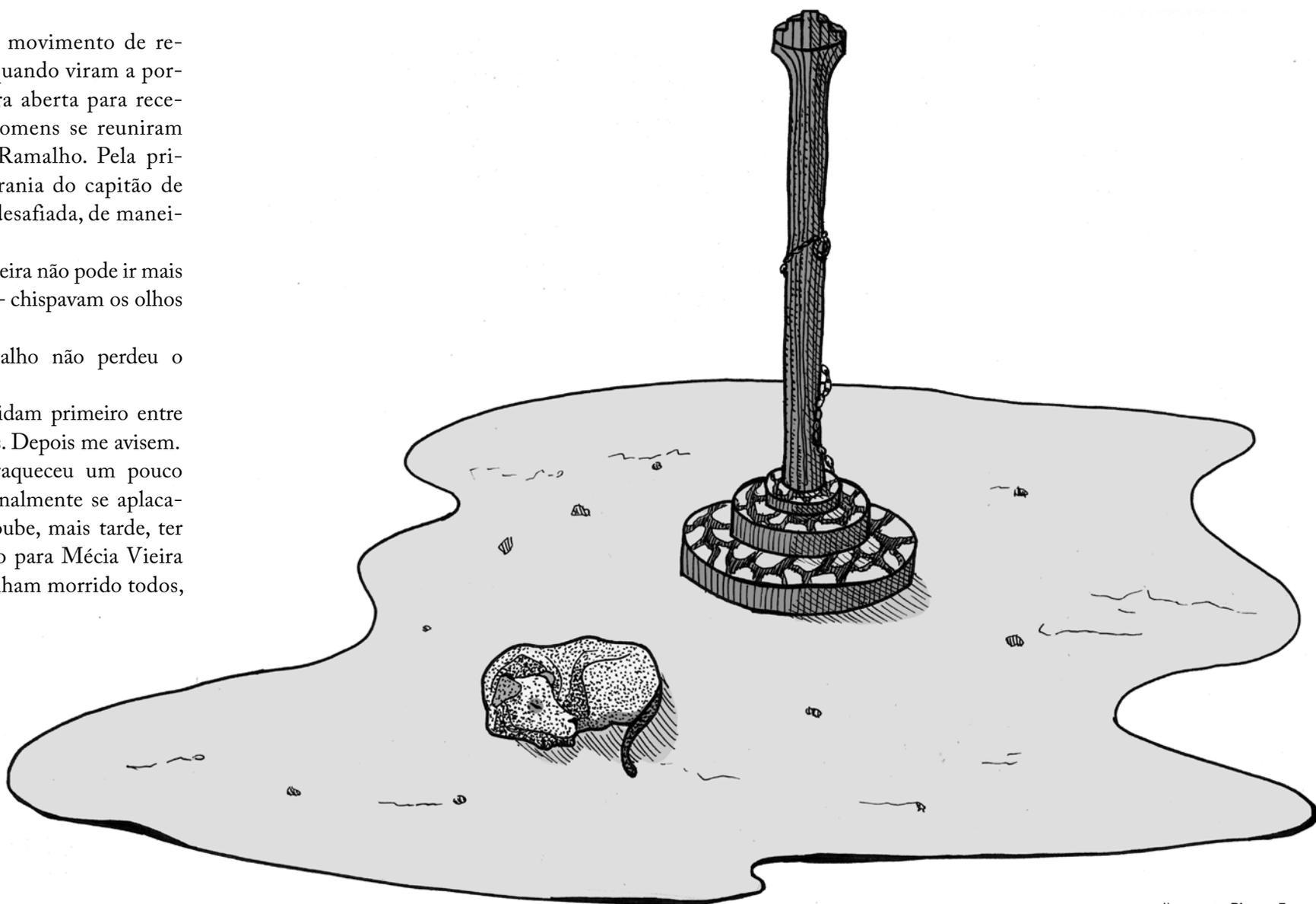
O primeiro movimento de revolta se esboçou quando viram a porta de Mécia Vieira aberta para receber Ipoijá. Os homens se reuniram na casa de João Ramalho. Pela primeira vez, a soberania do capitão de Santo André era desafiada, de maneira explícita.

— Mécia Vieira não pode ir mais longe do que foi — chispavam os olhos de José de Barros.

João Ramalho não perdeu o sangue-frio.

— Pois decidam primeiro entre vocês, se são varões. Depois me avisem.

Aquilo enfraqueceu um pouco os ânimos. Que finalmente se aplacaram, quando se soube, mais tarde, ter Ipoijá confirmado para Mécia Vieira a versão inicial: tinham morrido todos,



trespassados pelos paus, caídos no despenhadeiro, mortos de fome durante a fuga.

— Dei minha palavra para aquela mandioca — explicava o capitão, de noite, às suas mamelucas.

Mas, apesar de ter ficado acordado e se divertido com elas até altas horas, João Ramalho não testemunhou a terrível afronta: um vulto sinistro, certamente masculino, forçou a janela de Mécia Vieira e acabou entrando pela porta.

Só um cão, deitado no terreiro que servia de praça, no lugar onde mais tarde seria posto o pelourinho, farejou aquele vulto; que — teria afirmado — não era o de Ipojiçá.

### *antecedentes*

Não erram os que atribuem o imenso poder de João Ramalho à sua aliança com Tibiriçá. Não erram, porque omitir não é errar. Mas não dão a Manuel Repincho o valor que teria merecido.

Era um homem forte, audaz, desleal. Alcançara Ramalho no planalto em torno de 1520; e fora inestimável em quase tudo. Era o único português de Santo André capaz de entesar um arco indígena e pôr as flechas no centro do alvo. Mas nem por isso conquistara a simpatia dos tupiniquins, recusando com desprezo e altivez as filhas mais belas dos tuxauas. Porque fora o único aventureiro a cometer a intrepidez, a imprudência, poderia dizer a indecência de arrastar consigo, serra acima, o luxo de uma esposa branca.

Manuel Repincho sabia que os olhos dos homens bons de Santo André caíam cálidos sobre os quadris de Mécia Vieira. Gozava aquela inveja; e tinha ódio: de Joaquim Carvalho, de José de Barros, de Tomé Gonçalves.

Nenhum daqueles parvos ousaria tocá-la, enquanto fosse vivo. E foi por isso, por ter essa certeza, que não hesitou em corromper um dos asseclas de Martim Afonso, obter o mapa das minas de prata, conjecturar um caminho alternativo, adquirir facões, machados, arcabuzes, munição e pólvora, além de convencer um certo número de colonos quanto à viabilidade da empresa, amealhar uma fazenda que garantisse o sustento da mulher — até partir, em 1539, no seu delírio argentino.

Na porta de casa, quando os indígenas estavam todos carregados, e João Ramalho pronto para investi-lo oficialmente no comando da tropa, comprimiu com as mãos os grandes peitos brancos da mulher; depois, no meio do terreiro, no lugar onde mais tarde seria posto o pelourinho, afagou, comovido, as orelhas do seu cão.

### *o crime*

Naquela noite, em 1550, o cão, deitado no mesmo lugar onde seria posto o pelourinho, farejou um vulto que parecia forçar uma janela, para depois entrar pela porta da frente. Era uma cena que se repetia, havia já três anos, desde o regresso de Ipojiçá. Só que com uma diferença: daquela vez a casa procurada não era a de Mécia Vieira.

João Ramalho recebeu mal aquele hóspede noturno. Mas mandou trazer vinho de milho e tapioca. Não se importou com as feridas que ainda supuravam; não reparou no olho esquerdo vazado; não se comoveu com uma imensa cicatriz que vinha do canto direito da boca, fazendo uma curva até as sobrancelhas.

Mas o homem não buscava piedade. Queria informação. João Ramalho não moveu a língua. E foi dormir, deixando o hóspede no chão da sala, com uma manta velha.

— Mandioca maldita! — disse, com raiva, escarrando no penico.

Ainda estava escuro quando acordou, no dia seguinte, com o barulho vindo de fora. Quando abriu a janela, viu o homem da cicatriz deixando a casa de Mécia Vieira (e só então percebeu que, além de caolho, estava coxo) para ir esmurrar a porta de uma outra casa, onde o cão latia.

Quando Tomé Gonçalves, enxotando o cão, veio pessoalmente tomar satisfação da arruaça, tombou, com uma faca cravada no pescoço.

### *o julgamento*

Todos sabiam, na futura vila de Santo André da Borda do Campo, que vultos embuçados rondavam a casa de Mécia Vieira à noite, desde o regresso de Ipojiçá. Sabiam que esses vultos pertenciam a homens brancos, como Joaquim Carvalho, José de Barros, Tomé Gonçalves. Mas era um assunto que desagradava João Ramalho. Por isso calavam.

Só na manhã do crime, diante do cadáver de Tomé Gonçalves, depois de terem preso o assassino, é que se começou a falar do caso abertamente.

— Esse homem é um impostor. Manuel Repincho está morto.

Diziam isso porque o recém-chegado alegara ter agido por vingança, para lavar a honra, para poder punir o parvo que (como suspeitara) ousava deitar sobre a brancura ainda única de Mécia Vieira.

— São muitos os que fazem isso por aqui — admitiu Joaquim Carvalho.

O problema era que ninguém reconhecia no rosto desfigurado do assassino o semblante impávido de Manuel Repincho. E clamavam pela justiça imediata de João Ramalho. Mécia Vieira, ainda meio nua, era a mais indignada.

— Não me teria casado com homem que fedesse tanto.

João Ramalho não tinha muitas dúvidas; mas queria ser imparcial. Foi Ipoijá quem trouxe um imenso arco da altura de dois homens e sugeriu, gesticulando, a prova.

A flecha não acertou exatamente o alvo. Mas o arco tinha sido entesado até o fim, perfeitamente. E eram as mãos de um branco. A identidade do prisioneiro não podia mais ser contestada.

### *a trama*

Mécia Vieira nunca tinha acreditado em Ipoijá. Não por intuição: era óbvio que um homem em fuga não teria o escrúpulo de contar os mortos. Tentou

racionalmente convencê-lo disso. E chegou a oferecer dinheiro ao guarulho, para que contasse uma história diferente.

A honestidade do índio pôs sua vida em sério risco. Sabia que não poderia resistir. Por isso, na noite do primeiro evento — quando abrira a porta para Joaquim Carvalho, que ameaçava incendiar a casa — forjara o plano.

— Se em sete anos Manuel não retornar, escolho um novo esposo. Enquanto isso, venham; um de cada vez.

Joaquim Carvalho ainda relutou — queria a alvura de Mécia só para si. Mas teria que lutar sozinho, contra todos. E acabou apaziguado, cedendo a vez, no dia seguinte, ao pulha do José de Barros.

João Ramalho — que só gostava das índias e de suas mamelucas — aprovou o acordo, tacitamente, porque não acreditava no regresso de Manuel Repincho, mas admitia as razões daquela excêntrica Penélope, que em vez de tecer e destecer seu manto, para afastar os pretendentes, sequer trocava a colcha onde todos se deitavam.

Por muitos anos, os habitantes de Santo André da Borda do Campo lembrariam a emoção de Mécia Vieira diante do marido — para quem se guardara durante tanto tempo. Exultante e furiosa, exigia que o desagravassem.

Longe do tumulto, caído no lugar onde mais tarde seria posto o pelourinho, depois de farejar os lençóis de Mécia e conduzir o dono no caminho da vingança, morria o cão. Ele, também, como Argos, tinha esperado aqueles anos todos. ■

 **Alberto Mussa** nasceu no Rio de Janeiro, em 1961. Sua ficção abarca o conto e o romance, com destaque para o “Compêndio mítico do Rio de Janeiro”, série de cinco novelas policiais, uma para cada século da história carioca. Sua obra está editada hoje em 17 países e 14 idiomas. A história publicada pelo **Cândido** foi reescrita pelo autor para integrar o livro *Contos completos*, coleção de narrativas curtas que a editora Record publica ainda no primeiro semestre. Mussa vive no Rio de Janeiro (RJ).





**Robson Vilalba** é ilustrador, cartunista e caricaturista. É autor da *graphic novel* *Notas de um tempo silenciado*, sobre o golpe militar no Brasil em 1964. O livro ganhou o Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos em 2015. Atualmente trabalha na *Gazeta do Povo*. Vive em Curitiba (PR).

# MEU ÚLTIMO CONCURSO DE BELEZA

**E**u era o encarregado dos concursos de beleza. É claro que eu tinha outras responsabilidades, mas essa era só minha. Parecia pouca coisa, mas os concursos me satisfaziam porque, tirando eles, nada mais me interessava no jornal. Os artistas populares, o futebol, as celebridades. As emoções da editoria de polícia. Tudo isso estava esgotado. E sempre havia um ou dois concursos por mês. A rainha da uva, a princesa das praias, a mais bela idosa. Tudo nas minhas costas. A beleza, cobertura total.

Eu me sentia um rei entre as candidatas. É ridículo isso de se sentir um rei, um galo no galinheiro, principalmente quando não se tem poder nenhum, nem se ganha dinheiro pra fazer valer alguma realeza. Mas pra mim a redação é isso, um reino só de pobres. Ou melhor, toda redação é uma embaixada da miséria. Quer grana e conforto, fique longe delas. Procurando saúde, nos esqueça.

Não vou dizer quando ou onde essa história começou, porque as histórias nunca começam. É como tentar lembrar o início de um sonho, impossível. Quando você vê, já está envolvido na ação, no

controle de nada. E de repente, quando menos se espera, o sonho pode acabar. Feito um livro cuja trama não fecha. A gente só vai saber que foi ruim quando já for tarde demais. Tempo perdido.

Por isso, vou evitar essa ideia de começo, não houve começo nenhum. Melhor pegar o bonde andando. Quando eu vi, já estava falando com ela, bloco e caneta na mão, o café requentado no copo de plástico. Era a décima terceira miss que eu entrevistava naquela tarde. Representava uma cidade do litoral, e nosso litoral, você conhece, é curto. Não era a mais bonita, embora eu até achasse que ela tinha chances.

As perguntas que eu fazia eram as costumeiras, sempre as mesmas, não sou de inventar poesia. De primeira, não achei que devesse perguntar algo novo. Nada no olhar dela me fazia pensar numa menina diferente. Portanto, era a sabatina de praxe: você gosta de ler? O quê? Livro, jornal, revista? Que carreira pretende seguir? Tem algum *hobby*? E qual foi a coisa mais linda que você já viu?

Quando digo que ela não parecia diferente, quero dizer que não demonstrava

possuir nenhuma capacidade visível de me surpreender. Era uma parede bonita, mas uma parede. A coisa mais linda que já vi, as cataratas do Iguazu. Gostava de ler revistas femininas e romances policiais, sexo e mistério, nenhuma novidade. Não soube dizer o nome de nenhum autor favorito, nem o título de um livro sequer. Pra ela era tudo a mesma coisa. Queria estudar Direito, ser juíza, moralizar o país. Tudo normal. Só na hora de responder sobre o seu *hobby* é que parou pra pensar. Depois me disse que tinha um, sim, mas preferia não contar.

Era um segredo, e segredos eram o meu fraco. Ela não podia, ou não queria, me dizer e eu não conseguia deixar de insistir. Perguntei de novo, ela recusou, eu disse que confiasse em mim, eu não publicaria nada, só estava curioso. E era verdade. Ela sorriu, doida pra abrir o bico. E acabou cantando, claro, não foi preciso suplicar.

Na internet, ela disse. Curtia ver fotos de gente morta. Acidentados. Vítimas de homicídio. Esquartejamentos.

Não era algo que me excitasse, não particularmente. Mas excitou. Não o lance das pessoas mortas, mas a



Ilustrações André Coelho

intimidade entre nós, naquela cabine de entrevista. A necessidade que ela sentiu de contar aquilo pra mim, numa redação de jornal, no meio de uma tarde de terça. Gente morta na internet. Fotos de gente morta. Lá fora, a fila de misses me esperava, mas eu sabia que não haveria nenhuma melhor do que aquela. De repente, como que pra confirmar minha suspeita, ela virou o jogo e me veio com uma pergunta inesperada:

- Você acredita em Deus?
- Acredito.
- No velho de barba?
- Não.
- E como é ele pra você?
- Ele é uma fonte dos desejos.
- Como assim?
- É onde eu deixo cair todas as minhas moedas.

E a coisa funcionou entre a gente. Eu era uma parede também, só que mal-acabada. O lucro era meu. Ela era maluca, mas loucura não é gripe, não se pega num espirro. E como eu não tinha nada a perder, esperei que ela perdesse o concurso. No sábado seguinte, perdeu, e ficamos quites. Agora podíamos nos ver, no mesmo patamar de derrota. Ela estava de mudança pra capital, vinha fazer cursinho

## CONTO | LUÍS HENRIQUE PELLANDA

e morar sozinha numa pensão, perto da minha quitinete. Juntei minhas moedas, não eram muitas, e lancei todas na água turva. Apostei nela, depois eu digo se ganhei ou perdi.

Não, não vou falar aqui sobre nossa vida sexual. Homem que é homem não fala disso, é o que dizem. Conta uma ou outra vantagem, mente um pouco, edita suas fantasias. Investe em autopromoção, com parcimônia. Eu não faço esse tipo, e nem sou publicitário. Minto somente por contingência profissional e por escrito. Digo que nossa vida sexual era boa, e só. Nos divertimos o bastante, nem sempre, e às vezes até usei alguma maquiagem e fingi de morto. Coisa que qualquer jornalista sabe fazer desde a faculdade.

Nosso caso, claro, não era só sexo e encenações de necrofilia, era o cardápio todo. Comédias românticas no DVD, macarrão e vinho barato, comida japonesa, pista de dança às sextas, conversas sobre o futuro e o que fazer nos feriados. Mas nenhum plano conjunto. Mesmo assim, éramos namorados, e a redação se dividia entre os que me achavam um cara de sorte e os que viam em mim uma espécie banal de corno. Todos, no entanto, me consideravam um idiota. O setorista de beleza, um esteta nanico. Podia estar no meu crachá, eu nem me ofenderia. Nem todo idiota, afinal, é uma unanimidade.

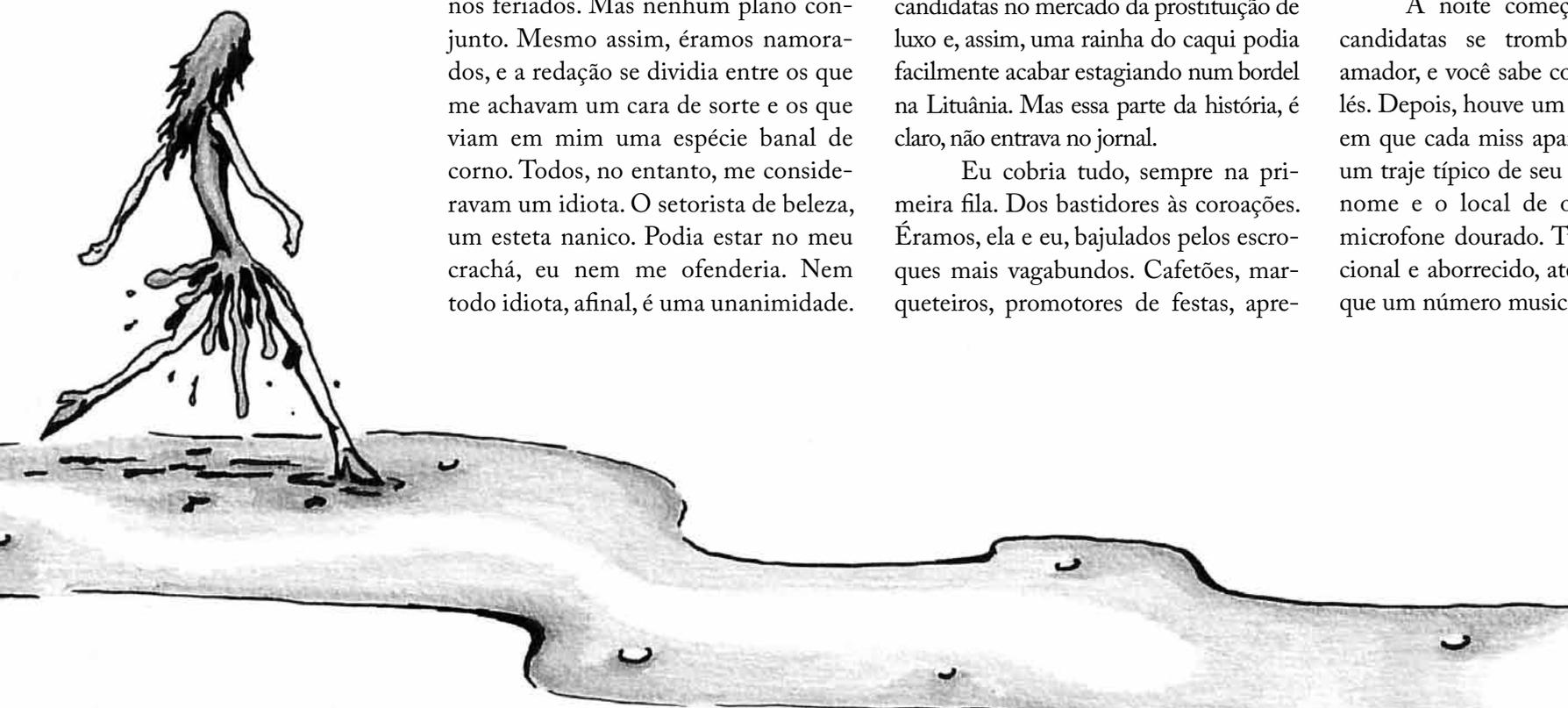
Nosso programa favorito e mais constante era frequentar concursos de miss. Nenhuma surpresa, não éramos apenas especialistas, éramos fãs. Você vai achar que estou exagerando, mas havia muitos concursos de beleza por aí. Um atrás do outro, o ano todo. Havia concursos de bairro e de clube. Concursos distritais, municipais, estaduais, regionais e nacionais, promovidos por inúmeras entidades suspeitas, todas lutando pelo direito de se proclamarem oficiais, éticas e únicas. Havia concursos sul-americanos, latino-americanos, pan-americanos, transcontinentais. Concursos pra mulheres maiores de idade, pra moças de até quinze anos, pra menores de doze, dez, oito, cinco. Pra beldades abaixo de um metro e sessenta. Pra beldades acima de dois metros de altura. Pra louras verdadeiras e louras platinadas, pra negras, orientais, índias e ruivas, de todos os tamanhos, procedências, credos e envergaduras. A maioria desses concursos, admito, só servia pra valorizar o passe das candidatas no mercado da prostituição de luxo e, assim, uma rainha do caqui podia facilmente acabar estagiando num bordel na Lituânia. Mas essa parte da história, é claro, não entrava no jornal.

Eu cobria tudo, sempre na primeira fila. Dos bastidores às coroações. Éramos, ela e eu, bajulados pelos escroques mais vagabundos. Cafetões, marqueteiros, promotores de festas, apre-

sentadores, políticos do baixo clero. É claro que a gente não gostava da bajulação em si. A gente gostava era da simulação de estar gostando daquilo. E gostava de identificar, na beleza, algum padrão, alguma uniformidade. Gostava de saber que a beleza, em algum lugar, era a regra, e não a exceção. A beleza mediada pela competição aberta. Ou pelo menos é nisso que gosto de acreditar hoje, anos depois de assistir ao meu último concurso.

Foi num hotel executivo, não muito bom, num bairro nobre. Era a noite de eleição da Garota Latina, um evento novo, e eu não estava lá como repórter: pela primeira vez, participava do júri. Era pra ser divertido, mas minha namorada não pôde sentar comigo na bancada, durante o desfile. Ela ficou três ou quatro fileiras atrás de mim, avulsa, e cercada por vários homens solícitos, o que me deixou levemente incomodado. No meio daqueles desconhecidos, ela me parecia ainda mais bonita e fugidia.

A noite começou mal, com as candidatas se trombando num balé amador, e você sabe como são esses balés. Depois, houve um desfile inaugural, em que cada miss aparecia vestida com um traje típico de seu país e gritava seu nome e o local de onde vinha num microfone dourado. Tudo muito tradicional e aborrecido, até o momento em que um número musical foi anunciado.



As misses se espalharam pelo palco, eretas em seus vestidos de gala, uma coxa diante da outra, as fendas generosas, os braços pra trás. E entre elas, feito um roedor numa floresta fechada, surgiu o cantorzinho. Era um sujeito baixo e corcunda, vestido de palhaço. Pelo seu rosto corria uma gorda lágrima de purpurina. Ele cantou um sucesso esquecido de um compositor alcoólatra, morto havia já um bom tempo, uma escolha com certeza extravagante. Entre outras confissões, o cantorzinho alegava ter virado palhaço por acidente, e acusava o mundo de sempre haver sido um circo de tristes originalidades, um picadeiro pra farsantes de várias estirpes, uns talentosos, outros não. E cantava tudo isso olhando fixamente pra mim, e só pra mim, como se me estudasse, ou me conhecesse, ou me paquerasse. Durante os quatro minutos de sua apresentação, nem por um segundo desviou de mim aquele olhar que, visto em retrospecto, talvez fosse de solidariedade. Ao fim da canção, lembro que me virei pra trás, curioso pra ver a reação de minha namorada, mas ela não demonstrava emoção nenhuma, nem positiva, nem negativa. Apenas aplaudia, desatenta, alheia a mim, enquanto trocava impressões em voz baixa com dois homens ao seu lado.

Aquilo me perturbou, mas a noite seguia, e logo vieram os maiôs pretos. As candidatas se atiravam ao palco em

rodopiante ordem alfabética, seminuas e desinibidas. Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Honduras, México, Panamá, Paraguai, Peru. Todas lindas e, na verdade, quase maçantes em sua perfeição, até que a entrada da representante da República Dominicana pôs um fim àquela sequência de fadas vaporosas.

A mulher, que antes eu não havia notado, era muito magra e cabeluda. De onde saiu? Estava inscrita? Tinha um tom de pele amarelado, ou seria culpa da iluminação do auditório? Pouquíssima carne, pouquíssimas curvas, o maiô laseado em torno dela. Devagar, foi cruzando o palco da direita pra esquerda e, a exemplo do cantorzinho, também olhava pra mim, e só pra mim, ignorando os outros jurados. Mancava, mas não como se fosse aleijada, e sim como se estivesse doente, cansada demais, ou mesmo ferida, recém-saída de um estupro ou de um espancamento. Havia hematomas por toda a extensão de suas pernas e braços. Ela não sorria nem rodava, e somente quando chegou à boca de cena, parando a dois metros da bancada, pude ver que me fazia uma careta. Realçado pelo batom vermelho, um lábio leporino se crispava pra mim.

Ela foi aplaudida com naturalidade pela plateia. Olhei pra trás e vi que minha namorada, serena, também a aplaudia, mas sem qualquer entusiasmo ou estranheza. Até hoje não sei o que me deu, mas o fato

é que, de repente, comecei a chorar. Um choro que era de extravasamento ou admiração, não sei. Foi bom. Dei à Miss República Dominicana as notas máximas, lacrei o envelope e deixei o hotel, sozinho, antes mesmo de saber o resultado.

Nunca mais fui a um concurso. Minha namorada chiou, disse que pirei. Que saí chorando, que não dei satisfação aos meus contratantes, uma vergonha. Disse que nem ela nem ninguém se lembrava de ter visto, naquela noite, qualquer representante dominicana, e muito menos com uma fissura labiopalatal.

Nosso romance esfriou. Poucos meses depois, numa tarde de calor, ela mergulhou nua numa cava do Iguazu e se afogou. Seu corpo nunca foi encontrado, e fiquei sem saber se daria uma morta atraente. Não chegou a ser juíza, não moralizou o país. Jamais passou no vestibular. E aquelas minhas moedas, você já sabia, eu perdi.

Continuo no jornal. Desisti dos concursos de beleza e me mandaram, primeiro, cobrir as corridas de cavalo. Não me adaptei. Depois, fui pro obituário, onde estou até hoje. Parece um troço desimportante, mas os necrológios me satisfazem. Tirando eles, nada mais me interessa no mundo. Agora é tudo nas minhas costas, que seja, que venha a morte, a cobertura é total. Eu me sinto um rei entre os mortos. ■

 **Luís Henrique Pellanda** nasceu e vive em Curitiba (PR). Escritor e jornalista, é autor dos livros *O macaco ornamental* (contos), *Nós passaremos em branco* (crônicas, finalista do Prêmio Jabuti 2012) e *Asa de sereia* (crônicas). *Detetives à deriva*, seu próximo livro, que traz crônicas publicadas no jornal *Gazeta do Povo*, será lançado em julho.

# Anotações sobre um amor urbano



Reprodução

Vinte anos após a morte de Caio Fernando Abreu, o legado do escritor é cada vez mais lido, discutido, encenado e até mesmo compartilhado nas redes sociais. Os contos, romances, crônicas, textos para teatro e cartas dele repercutem, de acordo com a crítica, porque tratam, entre outras questões, dos afetos humanos

MARCIO RENATO DOS SANTOS

I talo Moriconi afirma que as duas principais linhas de unificação entre todos os gêneros praticados por Caio Fernando Abreu (1948-1996) são a referência melodramática — “aqui tomada em sentido totalmente positivo” — e intimista, e a capacidade do autor de criar metáforas simples, e ao mesmo tempo elaboradas, e fazer dessas metáforas os elementos que conduzem a narrativa. “Os assuntos são sempre os afetos. Mais que propriamente as paixões, são os afetos”, diz Moriconi, poeta, crítico e professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

O comentário de Moriconi, apontando que Caio tratou literariamente dos afetos humanos, talvez ajude a entender, por exemplo, o motivo da popularidade do legado do escritor gaúcho, morto há duas décadas. Frases do autor, ou atribuídas a ele, fazem sucesso nas redes sociais.

“A obra de Caio ainda atrai jovens inquietos, artísticos, amantes da leitura, vivendo intensamente os embates do afeto e da perturbação de gênero. O fato de ser tão recortada, imitada, falseada vem da grande comunicabilidade de sua obra e do fato de que sua assinatura assumiu um lugar popular, um lugar no imaginário comum, lugar esse potencialmente mítico, como ocorre com Clarice Lispector, Jorge Luis Borges, Mario Quintana, Paulo Leminski, até mesmo com Ana

Cristina Cesar”, argumenta Moriconi.

A exemplo do estudioso da Uerj, a professora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Tânia Pellegrini também diz que a atual “popularidade” do autor se deve ao fato de a obra dele encontrar eco nas inquietações dos jovens que frequentam as redes sociais. “Sobretudo aqueles que são contrários às regras do convencionalismo burguês, aqueles que 'ouvem' nos textos de Caio ecos das próprias inquietações a respeito de questões de gênero, de raça, desigualdades sociais, em um momento da história brasileira em que essas questões são discutidas com mais clareza e vigor do que antes”, comenta Tânia.

Autor de *Infinidamente pessoal: a autoficção de Caio Fernando Abreu, O biógrafo da emoção*, a primeira tese de doutorado sobre Caio Fernando Abreu defendida em 2008 na Universidade de São Paulo (USP), Nelson Luís Barbosa considera desagradável esse *boom* do autor nas redes sociais. “A meu ver, na medida em que qualquer frase passa a ser citada como de sua autoria, até mesmo as coisas mais bobas ou pueris”, critica. No entanto, admite que há um componente interessante nessa repercussão da obra de Caio no universo virtual. “Por que será que ele é tão citado, ou por que suas supostas frases servem tão bem para ‘amparar’ as mensagens ou os pensamentos pretendidos nas redes sociais?”

Arrisco a considerar que isso tem a ver com a verdade que Caio sempre tentou imprimir em seus textos”, diz Barbosa.

### Construção autoficcional

No entendimento de Barbosa, os textos de Caio, “numa postura altamente contemporânea e até hoje bastante inquietantes”, borram as fronteiras entre os gêneros, a ponto de um conto, uma peça, um texto avulso, uma crônica e até mesmo uma carta dialogarem entre si. “Ou seja, uma carta de Caio pode muito bem ser lida como um conto, ou vice-versa”, diz.

Barbosa conheceu a obra de Caio na década de 1980. Leu os contos de *Morangos mofados* (1982) e as novelas de *Triângulo das águas* (1983) — obra que conquistou o Prêmio Jabuti, entre outros títulos. Conviveu, brevemente, com Caio a partir de 1986, período em que o escritor escrevia crônicas n’*O Estado de S. Paulo* — na época, Barbosa trabalhava no setor de publicidade do jornal. Mas só iria estudar academicamente a literatura do autor no século XXI.

A tese de doutorado surgiu, entre outras inquietações, com a finalidade de questionar a recepção da literatura de Caio. “Sempre achei que a obra dele era recebida de forma equivocada. Sobretudo em relação ao equívoco de que sua obra era considerada gay, certamente em razão de suas declarações e de ele se assumir homossexual publicamente, ainda mais

depois da fatalidade que o atingiu, no cerne de todo o preconceito com a questão da Aids e o mundo gay”, conta.

Barbosa também se incomodava, por exemplo, com definições — como “literatura autobiográfica” — atribuídas à ficção de Caio. “Ele vivia mais da literatura do que propriamente da realidade. Havia nele uma certa incompatibilidade com a vida real, com seus tempos, seus espaços, suas cobranças, seus apertos e limites. Dessa forma, comecei a entender que aquele autor que por vezes se mostra na sua obra não é necessariamente o próprio Caio, mas uma fantasia de si mesmo, ou do amor, ou da vida, mas sempre ancorada numa vivência ou no desejo de uma vivência. Ou seja, literatura por excelência!”, observa Barbosa, cujo trabalho acadêmico será publicado, em forma de livro, pela Editora Hucitec ainda no primeiro semestre deste ano.

### Alguns diálogos

No texto “Adolescendo à beira do Guaíba”, de 2007, que acompanha uma reedição de *Limite branco*, o primeiro romance de Caio, Italo Moriconi afirma que o autor gaúcho dialogou literariamente com Clarice Lispector, Hilda Hilst e Graciliano Ramos. Agora, em 2016, Moriconi confirma o comentário.

“Os autores com cujas linguagens Caio mais dialogou foram esses aí mesmo. Mas observamos que o processo de amadurecimento de Caio representou sua libertação de qualquer influência deles, tendo desenvolvido sua própria

linguagem, não diria inconfundível — porque ele escreveu na língua literária dos anos 1970 e 1980, mas certamente dotada de singularidade”, diz.

A professora da UFSCar Tânia Pellegrini compartilha do ponto de vista do estudioso da Uerj, e comenta: “O mais claro diálogo [de Caio] acontece com Clarice Lispector, de quem herda o mergulho nas profundezas da subjetividade, no reconhecimento e (re)construção de si mesmo, na contiguidade imediata com o viver, na estetização da linguagem para narrar o cotidiano banal, na insuficiência da palavra.”

Outro diálogo do escritor, acrescenta Tânia, se dá com Graciliano Ramos e a sua metódica metodologia construtiva. “Além disso, certamente outros grandes mestres modernistas inspiram seu discurso, como herança e revivescência de uma geração que acreditava na elaboração literária criteriosa acima de tudo”, completa.

Moriconi ainda observa que, no quadro da história literária, Caio pertence à vertente que ele define como “clariceana”: “Não no sentido de escrever como Clarice Lispector, mas no sentido que escreve a partir de um ponto de vista não machista, não heteronormativo. Isso é definidor do lugar de Caio na literatura brasileira.”

Já o editor da L&PM, Ivan Pinheiro Machado, analisa que Caio ocupa um lugar *sui generis* no panorama da literatura brasileira. “Hoje eu vejo como ele foi à frente do seu tempo e como foi quase um solitário no seu gênero. Na época, os poetas estavam mais comprometidos com a ideia da vanguarda e o Caio, na

minha opinião, fez o seu caminho solitário como ficcionista. Seguiu pelo ‘caminho do meio’, captando as vozes do seu tempo, lírico e libertário, transformando uma realidade extremamente rica e complexa, as décadas de 1970 e 1980, em grande literatura”, afirma.

A L&PM tem exclusividade para publicar em formato pocket — de bolso — 4 títulos de Caio: *Triângulo das águas* (1983), o livro de contos *O ovo apunhalado* (1975), a reunião de dispersos *Ovelhas negras* (1995) e *Fragmentos* (2000) — atualmente, a Nova Fronteira publica em livros de formato tradicional toda a obra do escritor, incluindo textos para teatro, crônicas e a ficção.

O relacionamento do editor gaúcho com Caio teve início a partir de um mal entendido. “Curiosamente o conheci a partir de uma carta, onde ele me esculhambava, porque havíamos incluído um conto seu numa antologia de autores gaúchos publicadas pela L&PM. Ele ficou furioso, mas o Caio Graco, o seu editor na Editora Brasiliense, tinha me dado autorização”, conta Pinheiro Machado. Uma vez esclarecida a questão, em 1976, eles se tornaram amigos.

Quase uma década após o incidente, Caio planejava publicar uma biografia de Emma de Mascheville (1903-1980), astróloga alemã que viveu em Porto Alegre. O escritor procurou Ivan Pinheiro Machado. “Fizemos várias reuniões, o Caio chegou a fazer um belíssimo trabalho, mas devido a influência dos familiares da famosa astróloga, o projeto não saiu da gaveta. Foi uma pena”, lamenta o editor da L&PM.

“O mais claro diálogo [de Caio] acontece com Clarice Lispector, de quem herda o mergulho nas profundezas da subjetividade, no reconhecimento e (re) construção de si mesmo, na contiguidade imediata com o viver, na estetização da linguagem para narrar o cotidiano banal, na insuficiência da palavra.”

Tânia Pellegrini, professora da UFSCar

### Caio rock and roll

A literatura de Caio é cada vez mais adaptada para outras linguagens. O romance *Onde andaré Dulce Veiga?* (1990), vencedor do prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), rendeu um longa-metragem, com título homônimo, dirigido por Guilherme de Almeida Prado. “Aquele dois”, conto de *Morangos mofados*, foi filmado por Sérgio Amon. Já o documentário *Sobre sete ondas verdes espumantes*, dirigido por Bruno Polidoro e Cacá Nazario, mostra cidades onde o autor viveu, como Porto Alegre, Paris e São Paulo, aproveitando trechos da obra do escritor e depoimentos de amigos de Caio.

O ator e diretor de teatro Gilberto Gawronski já levou aos palcos contos do livro *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), vencedor do Prêmio Jabuti, entre os quais “À beira do mar aberto” e “Dama da noite”. No entanto, uma das montagens cênicas mais festejadas é a do conto “Aqueles dois”, realizada pela Cia Luna Lunera, de Belo Horizonte. A ficção mostra o encontro dos personagens Saul e Raul em um ambiente de trabalho e a respectiva hostilidade de quem está ao redor.

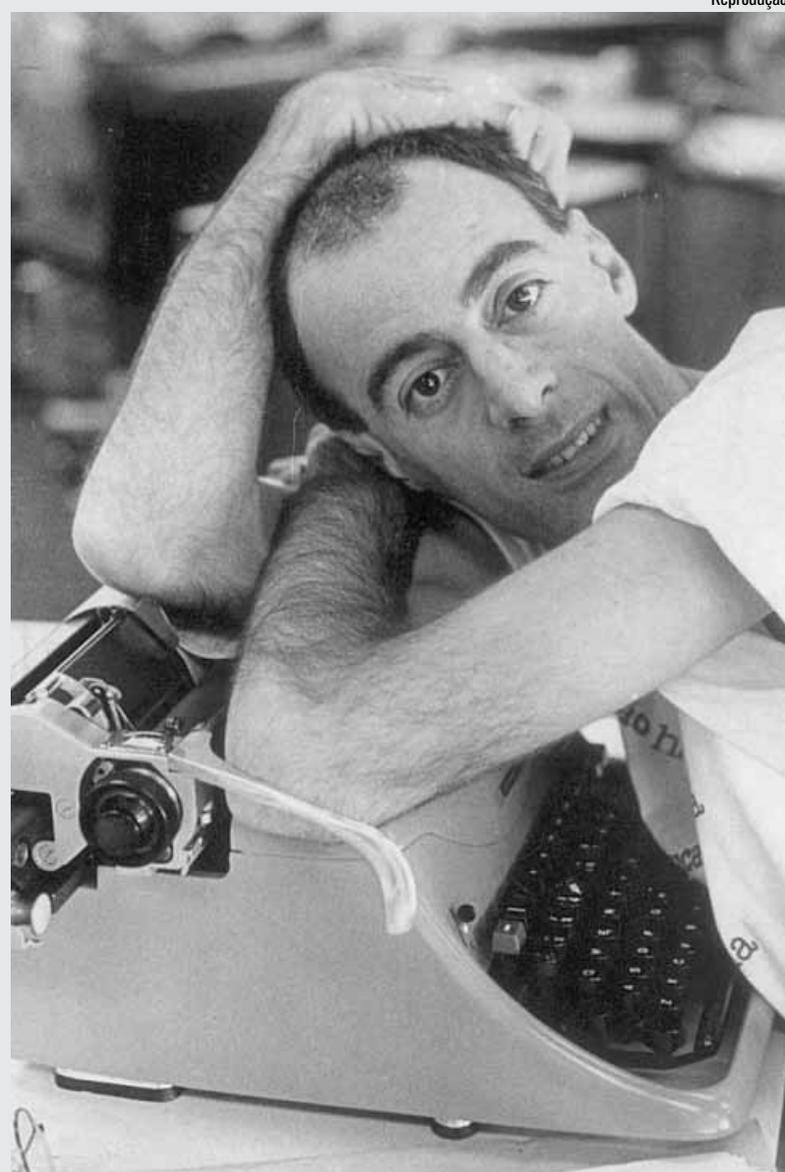
Em texto publicado no *Jornal do Brasil*, o crítico Macksen Luiz afirmou: “Os atores-dramaturgos-cenógrafos-criadores desta coletivização de instigantes propostas dão corpo e voz à orgânica transposição do literário para o cênico, numa íntegra unidade onde não há lugar para destaques. Cláudio Dias, Marcelo Souza e Silva, Odilon Esteves e

## PEDRA NO CAMINHO DO DESEJO

Thais Torres de Souza diz que um dos temas centrais da obra de Caio Fernando Abreu é o erotismo. A partir desse pressuposto, elaborou a tese de doutorado *Uma vaga promessa: aspectos do erotismo em contos de Caio Fernando Abreu*, defendida em 2014 na Universidade de São Paulo (USP). “Em grande parte de seus livros, o autor apresenta personagens que lidam com um desejo impositivo, mas que se deparam com diversas impossibilidades para que o gozo efetivamente aconteça”, comenta.

Para comprovar a recorrência do impasse, Thais estudou contos do autor publicados em *Morangos Mofados*, “Terça-feira gorda” e “Sargento Garcia”, e outros dois de *Os dragões não conhecem o paraíso* – “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga” e “Os sapatinhos vermelhos”.

“Meu argumento central é de que o erotismo aparece nessas histórias mais como uma promessa de gozo do que como prazer propriamente dito. Mesmo quando o prazer se realiza, o gozo é cerceado, quer seja devido a fatores externos aos sujeitos, como o preconceito da sociedade – ou pela condição intrínseca dos indivíduos e do próprio desejo: a incompletude”, explica. ■



Reprodução

Caio Fernando Abreu sobreviveu trabalhando em redações de jornais e revistas.

## ESPECIAL | CAIO FERNANDO ABREU

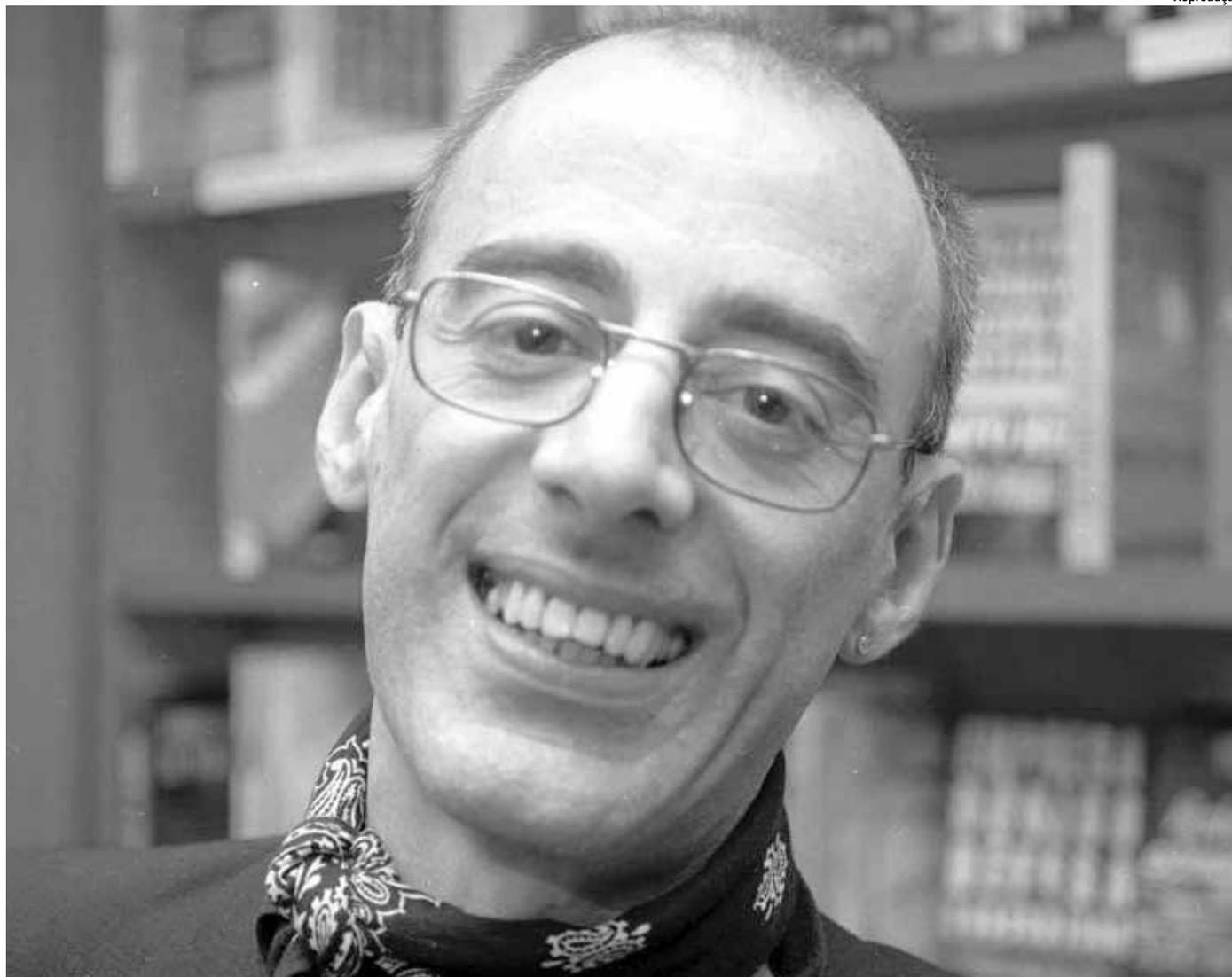
Rômulo Braga formam núcleo de criação vigoroso, em que ideias se transformam em teatro pulsante.”

O crítico Jefferson Lessa também comentou, no jornal *O Globo*, a montagem: “Aqueles dois’ é um espetáculo sobre solidão, fragilidade, amizade. Longe de disfarçar a temática homossexual (é mais que claro que os rapazes se desejam), não faz dela um discurso panfletário, optando por mostrar, com inteligência e sensibilidade, um bonito poema teatral.”

Italo Moriconi observa que o teatro, “o caráter dramático e melodramático da prosa de Caio”, merece ainda mais atenção, enquanto Tânia Pellegrini sugere que os estudiosos pesquisem nos textos de Caio as marcas, “profundas”, do contexto histórico em que o autor viveu.

Ivan Pinheiro Machado acrescenta que Caio Fernando Abreu foi um artista que soube entender as transformações do seu tempo. “Sua literatura esteve afinada com os movimentos de vanguarda e com as inquietações, frustrações e esperanças de uma geração que vivia sob uma ditadura e ansiava por liberdade”, afirma.

O editor da L&PM analisa que a obra de Caio se caracteriza, entre outras nuances, por um extremo apuro formal e temática cosmopolita, na medida em que ele foi um escritor urbano, o que não era comum naquele contexto no Brasil: “Caio estava mais para o *rock and roll*, enquanto a maioria dos autores buscava a tal ‘brasiliidade’ no romance histórico ou no romance regionalista.” ■



Reprodução

“Caio seguiu pelo 'caminho do meio', captando as vozes do seu tempo, lírico e libertário, transformando uma realidade extremamente rica e complexa, as décadas de 1970 e 1980, em grande literatura.”

Ivan Pinheiro Machado, editor da L&PM

## VIDA E MORTE NA OBRA DE CAIO F.

Autor de *infinitamente pessoal: a autoficção de Caio Fernando Abreu, o biógrafo da emoção*, tese de doutorado sobre Caio Fernando Abreu que será editada em formato de livro nos próximos meses, **Nelson Luís Barbosa** comenta um aspecto do legado do escritor gaúcho

Em toda a sua vida, Caio jamais se omitiu em viver suas histórias ou as histórias que seu tempo apresentava para ele: foi hippie quando jovem, dark e punk mais maduro, experimentou drogas. Viveu em comunidades no Brasil e na Europa, viveu como estrangeiro fora e aqui no Brasil. Assumiu sua homossexualidade, mas nunca condicionou sua sexualidade a papéis previamente estabelecidos, amou mulheres, homens, manteve uma relação de amor e ódio com São Paulo, Porto Alegre, Rio, com sua família, com seus parceiros...

Viveu intensamente suas paixões, suas viagens, abandonou empregos para escrever, sonhou viver apenas de literatura — amava música, artes em geral... Escreveu muito, traduziu, compôs, enfim, foi uma pessoa de seu tempo, com todas as letras que podia ou queria ser. Podia ser amado incondicionalmente, mas também ser muito odiado, mas tudo por sua verdade, por sua natureza transparente. Enfim...

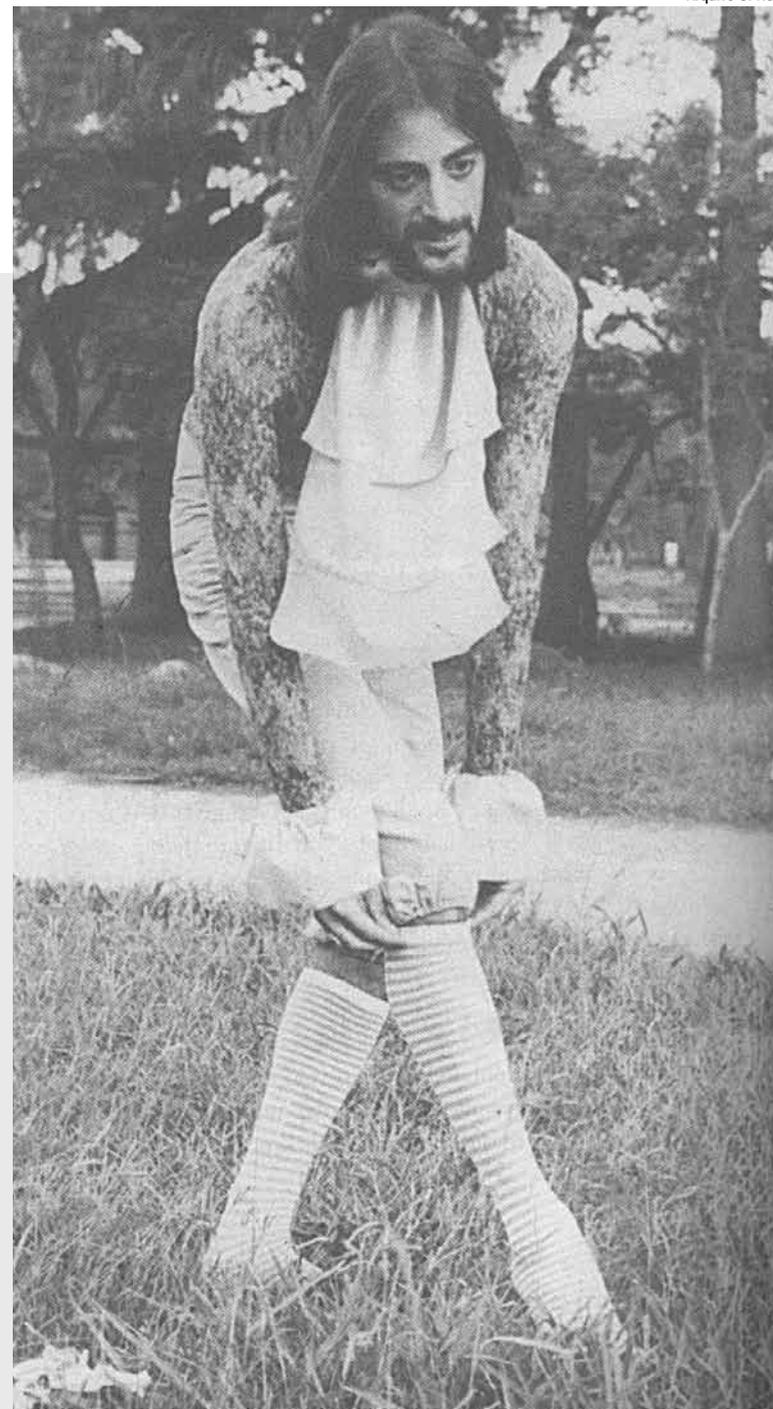
A sua história com a Aids aconteceu como aconteceria a todos/muitos de sua geração, que se entregavam a viver suas histórias sem medo e sem risco. Quando a doença realmente surgiu em sua vida (embora já a visse próxima desde sempre), na verdade não foi uma novidade, mas sim o ponto de inflexão para o qual ele sempre caminhava, antevisto na morte como um dos temas que lhe eram caros.

Embora muitos insistam em ver nessa “fatalidade” o grande momento de Caio F., chegando mesmo a explorar o fato como uma celebridade mórbida em sua época, costumo dizer que isso é um imenso engano, porque Caio jamais se utilizou dessa contingência para se promover ou transformá-la em um atrativo para sua obra.

Caio optou por viver essa realidade como sempre viveu sua vida, escrevendo, produzindo e observando a vida, ainda que esta aos poucos lhe fosse escapando.

Esta sua atitude nunca o levou a fazer da doença um panfleto ou um tratado sobre como enfrentá-la, ou lastimá-la. Muito contrariamente, sempre a tratou, como de resto toda a sua vida, como uma questão literária, e foi fazendo literatura que a enfrentou até o fim da vida. E foi assim também que corajosamente abriu caminhos para que a doença deixasse de ser vista como um castigo, ou mesmo uma irreversibilidade, como de fato acabou de fato se tornando. Pena foi ele não ter conseguido atingir esse momento de reversibilidade da doença, pois certamente estaria escrevendo muito e cada vez melhor.

Esta condição certamente fez de Caio o primeiro autor a inserir em sua literatura a sua vida, mas também a sua morte. E raros são os autores que puderam assim elaborar suas existências. ■



# Pela passagem de uma grande dor

Publicado em 2009, com nova edição prevista para este ano, *Para sempre teu, Caio F.*, da jornalista Paula Dip, apresenta a trajetória do escritor gaúcho, principalmente a partir do convívio dele com a autora

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Arquivo de Paula Dip/Reprodução



Caio Fernando Abreu e Paula Dip tiraram fotos um do outro em frente ao prédio da Editora Abril, em São Paulo, em 1980.

“Caio, pelas mais diversas razões, nunca teve praticamente nada; ao morrer, deixou para os sobrinhos sua coleção de galinhas de louças, (que ele chamava de frangas, as quais, aliás, dedicou uma novela infantojuvenil: *As frangas*), um computador que ganhou dos amigos, seus livros, discos e CDs, um aparelho de som, seus prêmios e uma velha máquina de escrever Olivetti Lettera, vermelha, da qual nunca se separou.”

O parágrafo anterior é a transcrição de um trecho do livro *Para sempre teu, Caio F. — Cartas, conversas, memórias de Caio Fernando Abreu*, de Paula Dip, publicado pela Record em 2009, que terá uma nova versão este ano pela mesma editora.

O livro apresenta o percurso de Caio Fernando Abreu narrado por Paula Dip, jornalista que também fala de sua trajetória, principalmente, a partir do momento em que os dois se conheceram, no final da década de 1970, em São Paulo. A obra traz depoimentos de amigos e colegas de Caio, além de fotografias e cartas que o escritor enviou para Paula.



O livro deu origem a um documentário homônimo, de 2015, dirigido por Candé Salles.

### Perdidos na selva

Durante a obra, Paula Dip procura definir quem foi Caio Fernando Abreu. Ela conta quais foram as suas primeiras impressões a respeito do amigo: “Afinal, qual era a dele? Cínico, louco, tímido, meigo, Caio tinha um jeito meio David Bowie de ser, e nada ficava muito claro: ele gostava de meninos ou meninas? Queria ser meu bem, meu zen, meu mal, ou nenhuma das anteriores? [...] E era meio bruxo: fazia horóscopo, interpretava tarô, tinha pais de santo e orixás, dava conselhos, lia o que escrevamos, distribuía elogios, ou nem tanto, nos mostrava seus contos, pedia opinião, apontava caminhos.”

Paula também observa que Caio F., como ele costumava assinar cartas e bilhetes, tinha uma personalidade complexa: “Caio era briguento, não tinha papas na língua e encarava uma briga, saía no braço sem hesitação: às vezes fazia o tipo justiceiro, outras vezes era debochado e encrenqueiro.”

A jornalista, para quem ele dedicou o conto “Pela passagem de uma grande dor”, do livro *Morangos mofados*, conta que eles tiveram uma “única rusga” no início da amizade, que teria sido esquecida imediatamente — uma vez que, no dia seguinte ao incidente, Caio enviou duas dúzias de rosas brancas pedindo paz.

No entanto, ela se surpreenderia no futuro: “Quando, anos mais tarde, li cartas ele trocou com outros amigos, observei que muitas vezes criticou minhas atitudes, como fazia com todos, pois era esta a sua natureza, crítica e ferina, mas sua alma era grande: sabia aceitar diferenças e de certa forma vivia delas, pois criava em suas histórias seres contraditórios, divididos, um pouco como todos nós, perdidos na selva da cidade.”

### Trajetória ziguezagueante

Além de expor situações pessoais, por meio das quais revela nuances do comportamento do escritor — por exemplo, Caio era, de acordo com Paula, um sujeito que ficava com ciúme quando uma amiga se apaixonava —, *Para sempre teu, Caio F.* traz, sem linearidade, mas com uma considerável quantidade de informações, alguns dos episódios mais conhecidos do percurso do escritor, por exemplo, o interesse precoce pela leitura, escrita e música, que o acompanhariam por toda a vida, e o período em que viveu no Sítio Casa do Sol, da escritora Hilda Hilst, em Campinas, no fim da década de 1960.

Nascido em Santiago do Boqueirão, interior do Rio Grande do Sul, dia 12 de setembro de 1948, Caio circulou. Na década de 1970, viajou para a Europa, onde sobreviveu por meio de subempregos, além de alternar temporadas entre Porto Alegre e São Paulo, com passagens pelo Rio de Janeiro.

Acima de tudo, a obra evidencia a relação visceral de Caio com a palavra escrita, seja a dedicação dele para a literatura e a luta que empreendeu para ganhar a vida trabalhando como jornalista. Alguns dos melhores momentos do livro coincidem com os trechos nos quais a autora descreve o ambiente da redações de revistas em São Paulo, do fim da década de 1970 em diante.

Se, a exemplo do trecho que é mencionado no início deste texto, Caio terminou a sua trajetória em Porto Alegre, em decorrência da Aids, dia 25 de fevereiro de 1996, sem bens materiais, após a sua partida, cada vez mais a obra dele adquire relevância — e valor: “Caio não teve filhos. Seu legado são suas histórias e nossas memórias, compartilhá-las é mantê-lo vivo entre nós.” ■

# PRATELEIRA



## Limite branco

Primeiro romance escrito por Caio Fernando Abreu, *Limite branco* foi produzido em 1967, e publicado em 1971. O autor, no texto “Um quarto de século”, de 1992, comenta a obra: “*Limite branco* (que originalmente não se chamava assim: foi rebatizado por Hilda Hilst, a quem devo a bela epígrafe e tantas coisas mais) é um romance sobre um adolescente no final dos anos 60. [...] Relendo-o — e foi, juro, quase insuportável reler/rever estes últimos 25 anos —, fiquei chocado com a sua, por assim dizer, *inocência*. E digo ‘por assim dizer’ porque essa inocência do personagem Maurício (e do Caio que o criou) tem muito de falso pudor, de medo, moralismo, preconceito, arrogância, coisas assim. [...] É também um livro imaturo. Maurício, visto hoje, parece um Peter Pan vagamente virgem, aterrorizado com a possibilidade de tornar-se adulto.” No texto “Adolescendo à beira do Guaíba”, Italo Moriconi observa que “em *Limite branco*, estão inscritos começo e fim do autor/narrador. Da obra e da vida. [...] É no tempo-espaço da deriva urbana que reside o nosso tanto de adolescente permanente.”



## Morangos mofados

Se, como alguns dizem, a literatura tem de provocar estranhamento, *Morangos mofados* (1982), traz essa sensação de perturbação e desconforto diante do mundo e de tudo. Nos 9 contos da primeira parte do livro, “O mofo”, os personagens são solitários, para quem não parece haver redenção. Já nos contos da segunda parte, “Os morangos”, até que se insinuam caminhos em meio ao aparentemente árido caos urbano. “A originalidade do relato de Caio Fernando Abreu nasce do partido que toma enquanto autor e personagem. Através da aparente isenção no recorte de situações e sentimentos, na maior parte dos casos engegrado por uma sensívelíssima acuidade visual (e muitas vezes musical) cresce e se refaz a história de uma geração de ‘sobreviventes’”, escreveu Heloísa Buarque de Holanda, em texto publicado no *Jornal do Brasil*. O último conto, que empresta o nome ao livro, traz uma espécie de síntese do clima dos anos 1970-1980, antecipando a fragmentação que hoje muitos dizem ser uma das marcas do século XXI.



## Os dragões não conhecem o paraíso

Coletânea de 13 contos, *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988) traz, no breve texto de ficção homônimo, uma das muitas mostras da literatura do autor gaúcho: “Tenho um dragão que mora comigo. Não, isso não é verdade. Não tenho nenhum dragão. E, ainda que tivesse, ele não moraria comigo nem com ninguém. Para os dragões, nada mais inconcebível que dividir espaço — seja com outro dragão, seja com uma pessoa banal feito eu. Ou vulgar, como imagino que os outros devam ser.” Independentes, as 13 histórias tratam de sexo, morte, alegria, medo, loucura e, mais do que tudo, de amor. Mas, como o autor comentou, os 13 contos também dialogam entre si. “Se o leitor também quiser, este pode ser uma espécie de *romance-móvil*. Um romance desmontável, onde essas 13 peças talvez possam completar-se, esclarecer-se, ampliar-se ou remeter-se de muitas maneiras umas às outras, para formarem uma espécie de todo. Aparentemente fragmentado mas, de algum modo — suponho — completo.”



## Triângulo das águas

Publicada em 1983, esta obra reúne 3 novelas e conquistou, em 1984, o Prêmio Jabuti. “As três novelas deste livro revelam um escritor em plena maturidade criativa, vários pontos acima de seu livro anterior, *Morangos mofados*”, escreveu, em texto veiculado na revista *IstoÉ*, Geraldo Galvão Ferraz. O livro foi escrito durante uma temporada em que o autor decidiu viver no Rio de Janeiro e o resultado é uma prosa poética por meio da qual os personagens de cada uma das narrativas não sabem se as circunstâncias não os favorecem ou se eles não favorecem as circunstâncias, como se lê num fragmento de “Pela noite”: “Vinda de dentro, Santiago ouviu a voz dele, batendo portas, fica à vontade, sabe mexer no som? Põe um som aí, tem jazz, porradas de jazz, que tal uma boa e velha Billie pra dar o clima noturno? Tem uns *rocks* também, uns berros de Nina Hagen? Ligando a televisão no quarto, a música familiar, irritante e estridente do *Jornal Nacional* derramou-se pelo corredor para invadir a sala, umas revistas malucas aqui no quarto, gosta de sacanagem forte?”.



## Onde andará Dulce Veiga?

Italo Moriconi afirma que *Onde andará Dulce Veiga?*, publicado em 1990, está entre os bons romances do momento de virada de século. “Entra para qualquer lista de 30 melhores romances da segunda metade do século XX”, diz Moriconi. A narrativa apresenta um personagem que consegue um emprego em um jornal e, a partir dessa situação, há, entre outras questões, a recriação do que foi o ambiente de uma redação antes do advento da internet. Mais que isso, o livro tem como foco o desaparecimento de uma cantora, Dulce Veiga, que já teve prestígio. A obra confirma que Caio Fernando Abreu sabia elaborar ficção a partir da valorização de detalhes: “*A primeira vez que vi Dulce Veiga, e foram apenas duas, ela estava sentada numa poltrona de veludo verde. Uma bergère, mas naquele tempo eu nem sabia que se chamava assim. Sabia tão pouco de tudo que, na época, quando tentei descrevê-la depois na mente e no papel, disse que era uma dessas poltronas clássicas, de espaldar alto e assim como duas abas salientes na altura da cabeça de quem senta.*” Em 2008, o livro foi adaptado para o cinema, com título homônimo, por Guilherme de Almeida Prado.



## Ovelhas negras

Reunião de textos, escritos entre 1962 e 1995, ano da publicação do livro. “Foram às vezes publicados em antologias, revistas, jornais, edições alternativas. Mas grande parte é de inéditos relegados a empoeiradas pastas dispersas por várias cidades, e que só agora — como pastor eficiente que me pretendo — consegui reunir”, escreveu Caio, intitulado-se “autor-pastor”, na apresentação da obra. Antes do início de cada texto, o escritor comenta quando produziu e o motivo de não ter publicado, o conteúdo, antes. “‘Sagrados laços’, por exemplo, de acordo com Caio, “é um texto escrito no Rio de Janeiro em 1984. Deveria ter sido incluído em *Os dragões não conhecem o paraíso*, mas acabou não havendo lugar para ele.” Sobre os textos, ainda escreveu: “Remexendo, e com alergia a pó, as dezenas de pastas em frangalhos, nunca tive tão clara certeza que criar é literalmente arrancar com esforço bruto algo informe do Kaos. Confesso que ambos me seduzem, o Kaos e o *in* ou *dis*-forme. Afinal, como Rita Lee, sempre dediquei um carinho todo especial pelas mais negras das ovelhas.”

# Boca a boca online

Com uma abordagem diferente da crítica literária, *booktubers* criam comunidades de leitores na web

KAYPE ABREU



Divulgação

O Youtube tem sido palco de uma nova forma de troca de experiências literárias. Os vlogs — espécie de diário em vídeo — incorporaram a literatura no hall de assuntos abordados. No Brasil, a plataforma de vídeos do Google abriga dezenas de canais sobre o assunto. Os *booktubers* — como são chamados os vlogueiros que falam sobre livros — não negam que grande parte dos consumidores desse tipo de conteúdo são adolescentes. Esse é justamente um diferencial. Mas há também espaço para todo mundo.

É o que argumenta a jornalista Tatiany Leite, do Cabine Literária. O coletivo, composto por seis pessoas com repertórios totalmente diferentes, busca diversificar os temas abordados. No canal, é possível assistir a uma entrevista com John Green (celebridade entre o público *young adults* — a literatura para jovens adultos), ver uma discussão a respeito do valor do conto para a literatura e acompanhar um vídeo sobre a obra de Clarice Lispector.

“Quando as pessoas veem que a gente está falando com tanta naturalidade sobre livros que talvez não estejam tanto na mídia, elas se sentem mais à vontade para ir “à biblioteca ou à livraria comprar determinada obra”, afir-

ma Tatiany, defendendo o lado didático da ferramenta. “Acho que os vídeos ajudam as pessoas mais jovens a não terem vergonha de ler”, completa.

À frente do canal Livrada, que trata de um tipo de literatura mais “adulta”, falando de autores como Liev Tolstói, Milan Kundera e Karl Ove Knausgaard, o jornalista Yuri Al'Hanati também acredita no papel dos *booktubers* como fomentadores de novos leitores. “As pessoas que leem geralmente são mais solitárias. Os vlogs criam essa sensação de comunidade leitora”, defende.

Para Gisele Eberspächer, do canal Vamos falar sobre livros?, essa sensação de comunidade existe graças à informalidade, característica desse tipo de material para internet. “É como se estivesse falando com um amigo sobre o que você está lendo”, conta a jornalista. O fato de parecer uma conversa justifica a opção pelos vídeos, ao invés de se escrever em um blog, por exemplo. “É a maneira como a garotada consome informação”, diz Al'Hanati, do Livrada.

Eberspächer vê grande diferença entre a crítica especializada e o trabalho dos *booktubers*. Para ela, até mesmo o processo de leitura de uma obra

abordada num vídeo é diferente da maneira como o mesmo livro é tratado no jornal. “Quando eu leio para resenhar em jornal, vou com mais calma, fazendo anotações. A leitura para os vídeos é mais solta, é o meu lazer.”

### Para todos, sem jabá

De acordo com a gerente de comunicação da editora Rocco, Cintia Borges, o trabalho dos booktubers é visto como uma espécie de “boca a boca” *online*. A própria ideia das *tags*, espécie de pauta proposta por um vlogueiro, que é repassada a outros — por exemplo, “5 autores que marcaram sua infância” — reforça isso. Outra prática comum são os desafios anuais, em que os vlogueiros propõem que seu público leia livros que se encaixem em perfis previamente estabelecidos, como romances de formação, contos escritos no século XX, etc.

Para Cintia, os vlogs e a crítica especializada se complementam. O primeiro alcança um público que o segundo ainda não consegue chegar. “Nada substitui a crítica literária, de forma alguma. [O vlog] é um complemento informal, muito pessoal e igualmente valioso, principalmente quando falamos do público jovem, altamente conectado e leitor não tão assíduo assim dos canais mais formais de crítica literária”, afirma, acrescentando: “O testemunho deles [dos booktubers] é caloroso, sincero e muito positivo”.

Por isso mesmo, esses vlogueiros despertaram o interesse das editoras, que passaram a ver neles uma oportunidade para potencializar as vendas. Algumas das casas editoriais tem um sistema de parceria. A prática já existia

com blogs de literatura, e passou a ser ainda mais comum com os vlogueiros. Algumas editoras mantêm formalmente um acordo, enviando exemplares de seu catálogo, numa quantidade previamente combinada — enquanto outros selos enviam esporadicamente títulos para um ou outro vlogueiro.

O resultado disso é que muitos vlogs acabam dedicando seus comentários aos lançamentos. Mas é unanimidade, entre os entrevistados pelo **Cândido**, que ninguém aborda uma obra que não tenha despertado seu interesse previamente. “A gente não é forçado a falar sobre nenhum livro, a não ser que seja uma coisa paga”, afirma Tatiany, do Cabine. Al’Hanati, do Livrada, conta que uma editora já tentou “forçá-lo” a comentar um livro que ele não queria. Mas o vídeo nunca aconteceu.

Nenhum dos entrevistados diz ter lucro financeiro a ponto de poder se sustentar a partir da postagem dos vídeos. O Youtube usa o sistema de anúncios Google AdSense, que paga por cliques. Isso significa que, quanto maior for o número de acessos de um vídeo, aumentam as chances de se obter cliques e ganhar dinheiro.

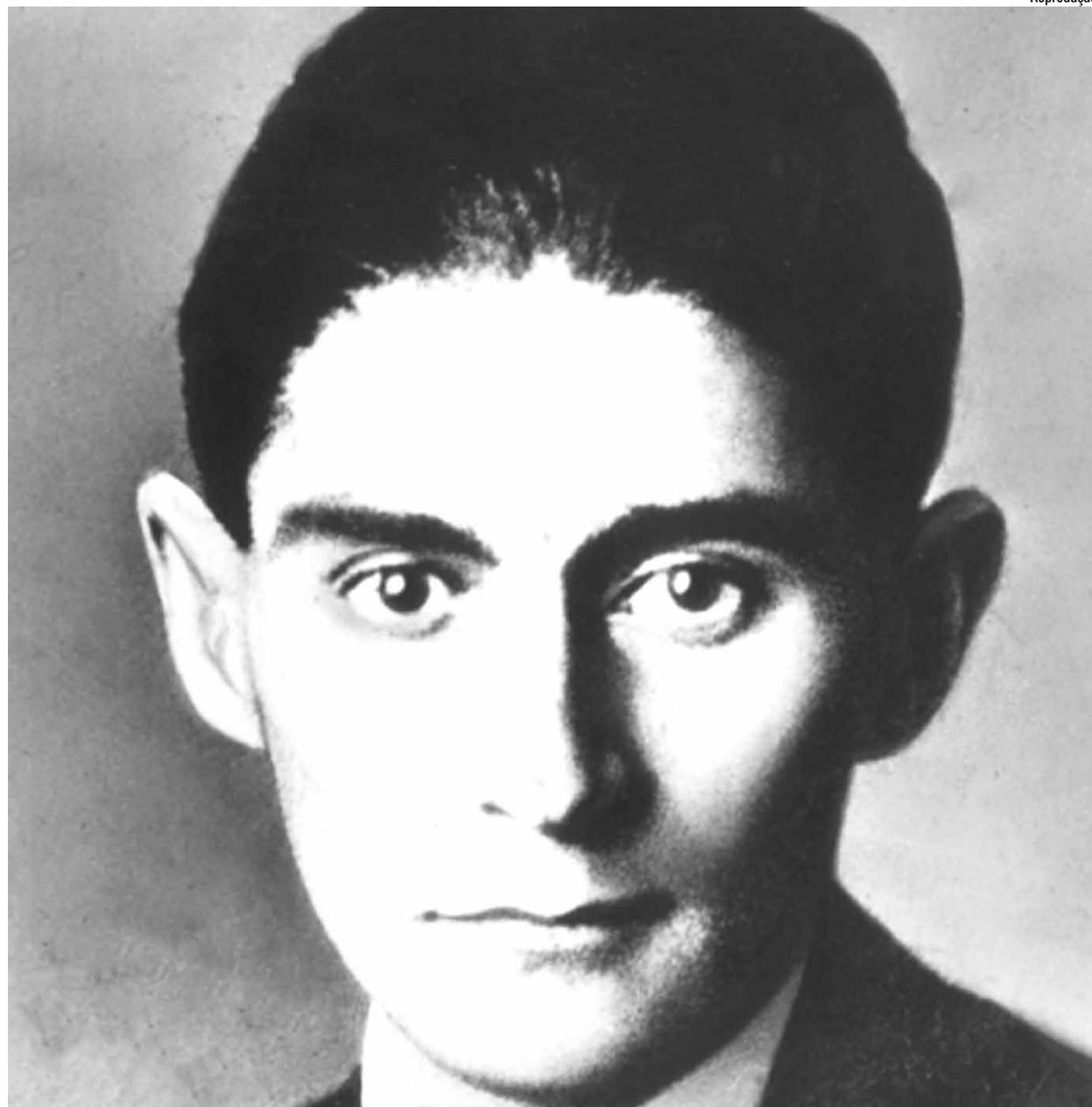
Criado em 2007, o primeiro canal de literatura brasileiro, o Tiny Little Things, de Tatiana Feltrin, tem uma média de 14 mil visualizações por vídeo. Já o Cabine, com uma média de 10 mil visualizações, segundo uma das colaboradoras, rende valor considerável, que é direcionado para melhorias no trabalho do vlog. Gisele, do Vamos falar sobre livros — que tem uma média de 3 mil visualizações — segue na mesma linha: “Não dá uma grana federal, mas dá para tirar alguma coisa”. ■



Tatiany Leite, do *Cabine Literária*, canal que aposta na diversidade de temas e autores.

# O mundo em negativo de Franz Kafka

O poeta e ensaísta **João Manuel Simões** analisa como o autor tcheco se valeu do silêncio e da solidão para criar sua monumental obra



Reprodução

Como escrever um romance, um grande romance, capaz de resistir ao influxo corrosivo do tempo? Como concebê-lo, nas suas coordenadas estruturais, nos seus parâmetros definidores? Como arquitetá-lo, no tempo e no espaço, injetando-lhe sangue, impregnando-o de nervos, infundindo-lhe vida autêntica?

Para isso, “não é necessário que saias de casa. Fica à tua mesa e conta. Não contes, sequer — espera somente. Nem esperes, apenas — fica absolutamente silencioso e só”. Eis aí uma receita de um judeu tcheco, quase ignorado em vida, mas que, alguns anos após a sua morte, ocorrida em 1924, viria a ser reconhecido universalmente (obrigado, Max Brod), como a mais extraordinária revelação, como o mais espantoso revolucionário da arte do romance ocidental no primeiro quartel do século XX e, mais do que isso, como um dos seus grandes e singulares arquétipos, da estatura de um Balzac ou de um Dostoiévski, de Joyce ou de Proust: Franz Kafka.

Nessas palavras densas, proteicas, que parecem murmuradas em surdina, de dentes cerrados e punhos contraídos, encontra-se talvez, em toda a plenitude, a explicação límpida, a chave racional para a compreensão do enigmático e sibilino universo ficcional do autor de *O processo*. (Dentro de certos limites, é evidente: compreender nem sempre representa

a apreensão plena ou a posse integral de um objeto, o que só os amantes ingênuos de utopias podem pretender.)

Kafka, contudo, não se limitou a fornecer uma receita: seguiu-a ao pé da letra. É realmente nos limites exíguos da sua sala — mais ainda: é nos limites estreitos do seu cérebro — que se desenrola e equaciona a mais estranha *aventura* existencial já vivida por um ser humano debaixo do mesmo sol do Eclesiastes. Por um homem que, às inalienáveis contingências da *condition humaine*, tão superiormente dissecada por Malraux, alia e conjuga as vicissitudes da condição artística, de um criador de vida, de um instaurador de realidade através da palavra poderosamente mimética. Numa simbiose maldita, duas condições igualmente trágicas: se uma não perdoa nunca, a outra jamais deixa ficar impune esse “bicho da terra vil e tão pequeno”, para usar a expressão do Épico. Dentro das fronteiras da sua sala (sem metáfora), no silêncio e na solidão, germina a obra mais profunda da literatura do século passado, a que mais espanta, se não pela sua monumentalidade, pelo menos pela sua tessitura, pela sua temática, pela sua dialética de abordagem de uma problemática específica. O silêncio e a solidão agem, de fato, como grandes forças catalizadoras (e catárticas). É no silêncio, pavoroso mas fecundo, é na solidão, aterradora mas

fértil, que se ergue e alteia pateticamente (e ao mesmo tempo num indizível e incomparável sortilégio encantatório), o edifício disforme, descomunal, do “tempo e modo” kafkiano. Edifício cuja porta poderia ostentar o dístico que o Florentino colocou no pórtico do seu Inferno: *Lasciate ogni speranza voi ch'entrate*.

### Sinfonias inacabadas

Obra verdadeiramente única. Repleta de páginas noturnas, crepusculares, onde se sucedem murais quase apocalípticos, painéis grotescos, iluminuras desvairadas, telas que são orgasmos de desespero e pus, prenhe de vida, de vida transfigurada (e desfigurada), de vida que parece brotar da mente de um demiurgo de torvas intenções demoníacas. Obra onde os relâmpagos do gênio fulguram lividamente na meia-noite imemorial do pesadelo e onde as palavras, mais do que emblemas hieráticos ou insígnias ardentes de um tempo de delírio e tempestade e febre, são antes estigmas ácidos, causticantes, tatuados na epiderme sensível de uma sociedade (de uma humanidade) em crise visceral, a viver um processo irremediável de desintegração (ou de autodestruição?). Obra onde as alegorias e as hipérboles e as transfigurações oníricas (todo o instrumental do fantástico) substituem a realidade discursiva, linear, pois tudo são simulacros vacilantes, espectros fantas-

magóricos, máscaras vazias. Obra dominada irresistivelmente por uma ambiguidade semântica dialeticamente insuperável, de signos arbitrários, polisêmicos (ou insignificantés?) e por isso mesmo irredutível a uma só fórmula, a um só esquema estrutural, a uma interpretação unívoca que o seu caráter múltiplo, poliédrico, só pode exorcizar. Obra onde Deus, ausente, é substituído pela presença obsessiva do nada transcendental. Obra que, antes e acima de tudo, faz do absurdo o seu sustentáculo, a sua força motriz, o seu *leit motiv*. Franz Kafka é, por excelência, o épico do absurdo: as suas narrativas, por vezes incompletas, imperfeitas — “sinfonias inacabadas” — são a odisséia do sem-sentido, a *ilíada* da absurdidade.

Mas não há nada de fácil nem de gratuito nesse absurdo: ele é a resultante direta da dissolução, da fragmentação da realidade ante o impacto avassalador do desespero ontológico (ou da solidão antropológica?) que nenhum dique consegue deter, que nenhuma força hipnótica consegue domar. O seu absurdo, em síntese, nada mais é do que uma nova ordenação, uma nova estruturação da realidade no seu conjunto orgânico, já que os detalhes, os personagens integrantes permanecem inalterados, no seu realismo original.

A novelística kafkiana desenrola-se, pois, sob o signo candente do sem-sentido,

da absurdidade onipresente, que chega a beirar as raias da histeria. Estranhamente, porém, Kafka, misto de artesão e de prestidigitador, vai entrecendo a teia mágica do seu absurdo com fios de lógica sutil, de racionalidade incólume.

O mundo em equação (melhor dizendo: o submundo) que ele revela e patenteia é um mundo inverossímil de tragédia, é um mundo em negativo — quando não às avessas — onde se multiplicam interminavelmente os labirintos e as encruzilhadas, na qual a comunicação entre os homens não existe, pois os diálogos, quando se verificam (o que raramente ocorre), parecem desenvolver-se em compartimentos estanques, como se os interlocutores falassem línguas “diferentes”. (Mas não será isso precisamente que ocorre? Aca-so não pertencem essas línguas a contextos ideológicos distintos?)

Como considerar Kafka, em última análise? Profeta do caos original? Apóstolo iluminado de uma decadência tangível? Intérprete fidedigno da crise existencial de uma época de valores espirituais em derrocada, de princípios éticos em colapso? Ou simples sismógrafo das convulsões abissais que sacudiam as entranhas de uma sociedade doente, num momento histórico decisivo, quando começava a surda gestação de hecatombes inimagináveis?

O autor de *A metamorfose* é isso e muito mais: ele é a personificação do homem atormentado, dilacerado pela consciência do absurdo da vida em face da inexorável finitude, em face do império implacável das Parcas. Daí serem tão certeiras estas palavras de Camus, outro dos grandes prosélitos da problemática existencial: “Viver é dar vida ao

absurdo. Fazer viver o absurdo, antes de mais nada, é encará-lo de frente”. Se a vida, a realidade máxima, é essencialmente absurda, então todos os absurdos são razoáveis. Esta parece ser a premissa básica de Kafka, no silogismo que tem por conclusão a instauração de um mundo sem sentido aparente.

Mas será realmente sem sentido o seu mundo? Preferimos supor, como o autor de *La Nausée*, que há nele um sentido oculto, misterioso, subterrâneo, apenas denunciado por leves sinais: o sentido que lhe é outorgado pela sua própria existência, pelos signos verbais que o elaboram, pelas palavras-estandartes que o nomeiam, pela sinalética em transe que o veste. O que chega a beirar a própria concepção de [Johann Christian Friedrich] Hölderlin acerca do “mistério” da poesia: “A poesia é a instauração do ser através da palavra”. (E, de certo modo, não será poesia — grande poesia — toda a obra do arquiteto de *O castelo*? Não será ele, também, um grande poeta em prosa, da linhagem de um Nietzsche, para nos situarmos apenas dentro da língua alemã?)

Se nomear é criar, é fazer existir, poderemos afirmar que o absurdo kafkiano nada mais é do que a instauração de uma realidade subjetiva através do verbo demiúrgico.

### **Distorção total**

Se, como pretende Lukács, o romance é a forma dialética do épico, a forma da solidão na comunidade, da esperança sem futuro, da presença na ausência, a que melhor condensa o choque entre o homem e o mundo, entre o indivíduo e a sociedade, entre o ser e o existir, é evidente que poucas obras poderão en-

quadrar-se com tanta facilidade dentro do esquema do grande crítico húngaro como a de Kafka. Tal esquema, com efeito, lhe assenta como uma luva.

Situando-se no polo oposto de Zola, que tenta desvendar (e desventrar) a realidade como uma exatidão minuciosa, com um *ostinato rigore* quase científico (naturalista, portanto), Kafka procura antes apresentar a distorção total, a desfiguração plena da realidade objetiva, que apenas funciona como trampolim para uma espécie de suprarrealidade fantástica, povoada de esfinges, de enunciado sibilino, uma suprarrealidade de tensões nucleares, de espasmos surdos, de tremores clandestinos.

Grito estrídulo de protesto contra as engrenagens metálicas que trituram e violentam e desumanizam o homem, a obra de Kafka desejaria ser antes o epitáfio solene ou o réquiem derradeiro para um organismo (e para um sistema) irremediavelmente putrefato. E constitui, nesse aspecto, um de *profundis* doloroso, um “exercício espiritual” mórbido (e mordaz).

Os seus personagens míticos, simbólicos, hieróglifos esqualidos movimentando-se em alegorias transparentes, translúcidas (distantes do esquema balzaquiano do personagem típico) escondem por vezes a própria personalidade do autor, que chega a delinear uma autêntica autobiografia mental: a letra K é a máscara que encobre, o disfarce que resguarda — querendo mostrar.

Como assinala com lucidez Natalie Sarraute, vestal exemplar do *nouveau roman* (também tributário — por que não? — da obra torturada do mestre tcheco), as narrativas de Kafka mergulham as suas raízes nas *Memórias do*

*subterrâneo*, de Dostoiévski, observação crítica que me parece incontestável. Não é menos verdade, contudo, que o universo do autor de *Cartas a Milena* constitui também o filão, a matriz, o ponto de partida das obras de alguns dos mais altos e significativos expoentes da literatura contemporânea. De Camus a Ionesco. De Arrabal a Jorge Luis Borges. De Beckett a Dürrenmatt. De Faulkner a Lawrence Durrell. Com efeito, os traços, as marcas, as cicatrizes são demasiado evidentes, já que muitas vezes nem sempre houve a preocupação (e o pudor) de escondê-las.

### **Mensageiro sem mensagem**

Kafka é o grande intérprete de uma inadaptação radical do homem ao mundo. Ou melhor, do homem à *praxis* social circundante (e asfixiante), com os seus mecanismos convencionais (e hipócritas), com suas articulações mecânicas, formais, com as suas ameaças de “excomunhão” sempre latentes a todos quantos se recusem a enquadrar-se nos seus “cânonos” rígidos, nos seus “padrões” estereotipados, nas suas “leis”, na sua “tradição” milenar. Estruturas sempre veladas pelos inefáveis “guardiões do templo”, pelos impolutos arautos do *statu quo*, pelas múmias veneráveis do *establishment* muitas vezes fossilizado e arcaico.

Na realidade, desde muito cedo o mestre de Praga teve o pressentimento e a consciência de um destino singular a cumprir, de uma estrada espinhosa a percorrer. Rudes, poderosas mãos invisíveis pareciam orientar o seu rumo. Tentou ainda resistir: *America*, o sonho distante, a imagem longínqua, da mesma forma que *Betrachtung*, a contemplação

ainda alienada, são as provas cristalinas de uma tentativa — malograda — de evasão, de escapismo, de fuga ao império da sorte inelutável. Mas em vão. *Maktub* — estava escrito. A “normalidade” existencial de um ser humano mais uma vez sacrificada, em puro holocausto, no altar da criação artística: é sobre as ruínas de um espírito que se levanta o monumento de uma obra imperecível.

A província romanesca de Kafka — místico das alucinadas visões dionisiacas, profeta de um “tempo de fezes e traição” — é uma floresta tropical de símbolos feéricos. Sartre define-a como um universo de cifras intraduzíveis. Mas não será antes, com razão maior, um reino fantástico de signos contaminados pelo vírus mortal da polissemia?

Plenamente consciente da sua missão de “mensageiro sem mensagem”, Kafka, impressionista, com a sua paleta de cores sombrias, realiza aquilo que poderia talvez considerar-se uma espécie de fenomenologia do invisível. Um invisível que vai da solidão ao tédio, da angústia ao desespero, mas que nem por isso deixa de ser menos real que a carne e o sangue e os ossos que percorrem os caminhos ásperos do quotidiano e que, afinal, são o suporte concreto para uma realidade abstrata. Radiografia em rubro de uma época espiritualmente esclerosada, a obra de Kafka é também a história dolorosa, pungente, de uma peregrinação em demanda do Santo Graal de uma verdade impossível. Mais do que isso: é o documento tangível da lenta agonia de um espírito sem o bálsamo da fé redentora, de um espírito despojado de toda a esperança. De uma agonia sem êxtase. ■



Cena do filme *O castelo*, adaptação do clássico de Franz Kafka feita pelo cineasta Michael Haneke.

 **João Manuel Simões** nasceu em Mortágua, Portugal, e vive em Curitiba (PR) desde 1954. É autor de mais de 50 livros, entre crítica, contos e ensaios. Em 2015 foi editado o primeiro dos quatro volumes que vão reunir toda sua obra poética produzida entre o período de 1960 e 2010.

# APOCALIPSE

*“podia ter acontecido com qualquer um”*  
(Luiz Vilela)

**A**pocalipse chegou.  
E eu, como se estivesse morto, retrospecto:  
Apocalipse chegou. O bispo é rapper. Acordei com as bombas explodindo. O Exército Dedeus saltou seus sete cavalos sobre o abismo fervente de piche e cabelo que somos.

A lua apagou, nova.

Daqui de cima me finjo o próprio Dedeus, e tudo vejo, hipermetrope:

Você, os pobres mortais, gira o nariz para o alto, míope, buscando uma coisa qualquer — e vê o quê?

O narrador prenuncia: Ivo viu será o nome do herói deste delírio.

Apocalipse chegou.

As quatro ou sete patas dos sete cavalos pisoteiam nossas almas (teto de zinco), totalizando 48. Vá entender: ninguém mais sabe somar.

O céu murcha, perde o jogo, cai, sem cor, afunda.

Novos doutores escrevem teses, em papel, criando outros milhares de árvores menos; total = EU.

É isso que todos dizem, no fundo de suas teses perdizes: EU.

Repare.

Todo o mundo quer ser EU.

Eu quero ser eu.

Ser eu  
Sereu  
Seu

De repente um anticlímax: *Seria tão bom se isto tivesse um enredo, você reflete.*

Ok.

“Ivo viu abriu os olhos sem conhecer quem era. *Estes são meus olhos*, quis dizer, mas não sabia. Tateou o par de orelhas ao redor da testa vazia e tentou sorrir. Depois sorriu, inepto. *Sou um comanche*, pensou por um triz, para treinar o pensamento.”

Apocalipse chegou.

O quarto selo. Teu nariz mordisca ar.

Selo  
ou não  
sê-lo

*Péssimo o trocadilho*, você sustenta. Ok. Apenas exercícios de cognição.

E você? Você mesmo! Sentado no conforto desse pesadelo, aí lendo.

*Você acha que é fácil* — gritou Ivo viu — *ter 87 anos de idade? As cartilagens do corpo nunca param de crescer!*

*Ninguém nos escuta as panelas dos joelhos, sempre doendo.*

*Esperneio. Espermeio.*

No fundo, Ivo viu queria mesmo eragandar muito dinheiro. E nada no reino dos jacarés. Formigas criam cascas de conchas, casas novas nos lombos, ovos mutantes. Nós de caracóis.

*Prometo respirar para o resto da vida!* — ele declama.

Mas não adianta.

Apocalipse chegou.

Os cavalos param por um instante, entretidos, pisoteando o triângulo do enredo. Seus vesgos óculos piscam, bufantes os sete pares de narinas. Ivo viu faz a conta do quadrado dos catetos; percebe que descobriu o resultado, mas não quer falar.

Não se ouve nem um pingão:

Você ouviu?

Jovens pós-doutores finalmente elucidam a calda do mistério. *Eles não têm sonhos*, nos ensinam.

Muito elementar.

Papai Noel caiu do polo e rolou até aqui, aos trópicos. Achamo-lo na praia mansa de Caiobá e linchamo-lo.

Dedeus nos sacuda. Os cavalos se aproximam ainda mais, inflamando o



já antes incandescente asfalto velho de verão. Seus azedos vapores bafejam. É o fim, esclareço, sorrindo num sussurro. Ivo viu também sorri, ainda, pra mim, sem discernir quem é real, quem ficção.

Sete vezes quatro, vinte e seis, calculamos os dois juntos. Ou três.

Escutamos os cascalhos cavalgando, onda que ruga mil pestes de espelhos.

Me rebelo: Apago a luz da sala por uma hora no dia combinado pelo resto do mundo e perco um capítulo importante da novela.

Apocalipse chegou.

As sete cabeças de cada um dos sete cavalos meneiam, bufantes — noventa olhos de permeio — um caolho. Ouvimos o estalar das mandíbulas. São muitos dentes, considero. Quem sou eu? Ivo viu mais se concentra, não pode se perder agora. Imagina-se uma selfie e se reencontra.

Repete:

*Sete vezes sete, vezes quarenta e oito, vezes trinta e dois, me perco de novo. Eu devia ter estudado melhor o número de dentes de um cavalo na escola!*

Já não sei quem gritava, se Ivo viu ou Eu. Ou Você, que é o terceiro herói

deste brinkedo.

Um de nós exhibe a tatuagem que revela: somos poros e cotovelos.

Cada pata dos cavalos soma nove joelhos, complicando ainda mais a equestre equação. Valor de xis, valor de ípsilon.

Corram todos às janelas! Nada aconteceu!

Apocalipse mata a pau! Quem viveu verá!

Oceanos guerreiam! Sombras despencam do espaço! O dente do siso dói; mortos ressuscitam, mas só os cães vadios.

Então o clímax: O narrador sai daqui e te sacode com energia, exigindo a parte que lhe cabe no resgate.

Deste lado, Ivo viu agora sim quase se assusta: *Talvez seja mesmo hora de acionar um advogado* — cantarola sem voz.

Apocalipse dá trabalho.

Fazia frio. Ouvíamos o som de pés de barro batendo no chão.

Tum tum tum.

Quis tampar os ouvidos com a palma das mãos, mas ventava. Braços bambus espalhando o deserto oco do universo. Espantalhos.

Os pulmões também de barro.

E bruxas; tinha esquecido as bruxas.

Tento voar.

Puf!:

Raiz.

E voltamos para dentro do folhetim:

“Foi ao abrir o livro que a pontada atacou. Disforme, logo na primeira linha. Não saberia quando ocorreu, nem como, nem quanto. Depois um soco, um coice. Tum tum tum. Ivo viu moveu o dedo, mas só até meio caminho, sem poder explicar se o não quis mover mais ou não o conseguia. O fato é que o gesto estacou ali, sozinho.”

Apocalipse!

Os personagens fogem do papel, assustados. As palavras esvoaçam des governadas, noivas disléxicas. O narrador tentou suicídio, não adiantou, ninguém morre no Apocalipse.

Quatro vezes sete, vezes doze várias vezes, trinta e dois menos seis de novo nove, desespero. Ivo viu sou eu? É você?

Podia ter acontecido com qualquer um. ■

# CLIQUESES

## EM CURITIBA





**Tita Blister** é artista fotográfica e realizou diversas exposições em espaços culturais. Faz parte da equipe de Pesquisa e Documentação do Museu Alfredo Andersen. As imagens acima são fragmentos da série intitulada "CwbCrazyCity", que tem como inspiração o feio, o sujo e o caótico (beirando o bizarro).

## Rosas

Floriram por engano  
 As rosas bravas  
 No inverno veio o  
 Vento desfolhá-las  
 O paraíso assim  
 Se fecha  
 Não dá pra ser  
 Distraído num  
 Universo de que se  
 Desconhecem as leis  
 Só a do Amor parece  
 Partículas congregam em  
 Novos corpos  
 Fundi-las refundi-las  
 Adaptação sobre adaptação  
 Reajuste constante ao  
 Destino insondável onde  
 Rosas só na mão do  
 Jardineiro  
 Perfume exalam

## Panteísta

Jardineira  
 Quero ser  
 Sou diante da  
 Gardênia  
 Pétalas brancas em  
 Rosácea  
 Entro pela  
 Porta em  
 Olho  
 Solene  
 Deslizo pela  
 Nave  
 Raiada de  
 Sol diante do  
 Altar me  
 Dobro em  
 Prece ao  
 Universo que me  
 Escuta por entre as  
 Flores  
 Rumores de outros  
 Mundos em  
 Comunicação  
 Eu  
 Elemento de  
 Conexão.

## No parque

Sai para o parque de  
 Óculos high tech  
 Senti em detalhe  
 Clichês inventados  
 Topoi encantados  
 Saguís em flor  
 Bananas em cacho a  
 Fazer amor  
 Formigas uivando por  
 Causa da dor  
 Sentada no banco  
 Serena quedei

Gorjeios edênicos no  
 Meio da cidade  
 Borboletas pulando  
 Em musculação  
 Ratos do banhado  
 Minhocas gigantes na  
 Terra afogada  
 Agulhas de sol  
 Espetando as folhas  
 Brisa refrescante a  
 Limpar a pele  
 Sentada no banco  
 Serena fiquei

Voltei para casa  
 Retirei os óculos  
 Tive uma tontura  
 Era já meia-dia  
 Dois artigos bons  
 Esperando parecer  
 Que linguageméesta  
 Que tenho que ler



 **Celeste Ribeiro de Sousa** nasceu em Portugal, em 1948. Formou-se na Universidade de São Paulo (USP), onde trabalha como professora de Língua e Literatura Alemã. Vive em São Paulo (SP).